



Prática de Ensino Supervisionado em Educação Pré-Escolar

Ana Rita Clemente Fernandes

**Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação
para a Obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar**

Orientado por:

Mestre Manuel Luís Pinto Castanheira

Bragança

2010

Introdução

O presente relatório de investigação refere-se ao grande desafio da pós-modernidade, no qual a corrida desesperada pelo aumento da receita familiar, pela estabilidade no emprego, pela elevação do nível de capacitação pessoal e profissional que transformou a vida das famílias e, por consequente, os modos de acompanhamento dos filhos. A sociedade evoluiu de forma dinâmica, no sentido de uma movimentação global, no qual se inscreve a acção educativa e se constrói influenciada por vários contextos. Existe todo um conjunto de mensagens, imagens, valores, normas e acções que se geram e se desenvolvem a partir de relações, mais ou menos complexas, estabelecidas entre vários sistemas.

Tendo por referência os sistemas família e escola pode afirmar-se que o acto educativo compete a ambos, pais e professores. É de salientar a alteração que está a acontecer na hierarquia das necessidades humanas, na qual o diálogo, participação e o exemplo cedem lugar à ausência no processo educativo. “Desde muito cedo, a importância de «abrir portas de ambos os lados», quer no que se refere a contextos educativos quer no que se refere a contextos familiares, é uma forma de assegurar a estabilidade e a continuidade nas relações entre sistemas” (Magalhães, 2007:11). As diferenças entre estes dois sistemas (família e escola) não anulam a existência de objectivos comuns, pressupondo-se a necessidade de uma estreita colaboração, que se reflecta em acções conjuntas e coordenadas. O trabalho escolar, só poderá encontrar sentido na vida das crianças quando as práticas familiares forem coerentemente articuladas com esse processo. Diante dos desafios educacionais de uma realidade partilhada, a escola precisa propor novos meios de relação e comunicação com as famílias. No entanto, existem papéis intransferíveis entre a escola e a família. Em suma, a compreensão do que compete aos intervenientes precisa de ser definida, assim como o que lhes é comum.

Logo após o nascimento da criança, ela recebe (in)formação, interage com o meio que a rodeia, sendo a família o elo primordial para favorecer esses primeiros contactos. Desempenha, por isso, funções e responsabilidades de educação diferentes das do Jardim de Infância, no qual vai ter acesso numa fase posterior. Neste contexto surgem temas, como a família, escola, participação, cumplicidade, aprendizagem

significativa e presença, que originam problemas e ou obstáculos, aos quais se associa a necessidade de estudo. Salienta-se, como importante a consciência dos benefícios da cooperação que entre a Escola e a Família, têm vindo aumentar ao longo dos últimos anos. O Jardim de Infância e a Família têm metas e preocupações complementares, na educação das crianças. Segundo Homem (2002:17), a ligação escola – família, beneficia a criança, garantindo-lhes um desenvolvimento e um percurso de aprendizagem mais integrados, facilita a emergência de uma pedagogia interactiva, proporciona ocasiões de aprendizagem à comunidade, é factor de sucesso dos alunos e de eficácia das escolas.

A interacção entre encarregados de educação, educadora, agentes educativos e a Instituição do Centro Social M. Martins de Ligares, é pobre e de forma pouco estruturada. A participação e ou cooperação das famílias das crianças é insuficiente, apontando-se como principais motivos a falta e ou promoção de actividades que aproximem os pais à instituição. Pretende-se, por isso, com este trabalho fazer uma abordagem acerca do imprescindível envolvimento das famílias no quotidiano organizacional e laboral do Jardim de Infância do Centro Social M. Martins de Ligares, identificando obstáculos e traçando novos caminhos para a promoção de novas e diferentes dinâmicas de relação da Instituição e Famílias das crianças que frequentam o pré-escolar. A Educação de Infância é uma realidade cheia de especificidades e a partir de uma visão global, procura-se tecer algumas considerações da relação familiar. Quando se diz família, reportamo-nos não apenas ao pai e mãe, mas também irmãos, avós, tios, primos, e outros que fazem parte do meio de interacção principal com as crianças, pois todos fazem parte do grupo familiar, o qual influi poderosamente, e com efeitos indissipáveis, no processo de desenvolvimento de cada criança, e nos estabelecimentos que frequentam.

“Ao trabalhar com crianças é importante que coloquemos o foco naquilo que elas e as suas famílias conseguem fazer. É responsabilidade dos adultos que têm contacto diário com as crianças procurar, descobrir e promover as forças da família e as forças individuais, de forma a que as crianças, os seus colegas e os outros adultos da sua vida, possam igualmente reconhecê-las e valorizá-las” (Hohmann & Weikar, 2007, 106).

O quotidiano profissional permitiu a elaboração deste relatório, abordando o tema escola-família. Foram identificados problemas, que se reflectiam no seu desenvolvimento educacional das crianças acarretando inquietações, pelo que, pretendemos assim minimizar esses efeitos conjunturais, e avaliar os recursos e métodos

que melhor podem contribuir para elevar a qualidade das respostas educativas pré-escolares.

Os principais objectivos deste relatório, são analisar as implicações que decorrem da ausência da família no processo ensino aprendizagem das crianças, incentivando a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a Comunidade. Procura-se evidenciar a importância e os benefícios da cooperação entre a Escola e a Família no sucesso educativo das crianças, no sentido de criar estratégias e interesses para aproximar a Família da Instituição, realçando a importância do seu envolvimento processo educativo dos filhos ou educandos. No Jardim de Infância do Centro Social M. Martins foram desenvolvidas actividades como forma de aproximar as famílias, promovendo a sua participação e cooperação em diversas actividades e eventos promovidos com crianças que frequentam a sala do pré-escolar. Existem situações que só podem sofrer intervenções quando analisadas as suas motivações e repercussões. Assim se actuou em todos os capítulos, para melhor entender dentro do contexto Jardim de Infância e as acções imprescindíveis que devem ser promovidas.

Para este relatório, realizou-se uma pesquisa qualitativa, acompanhado o pensamento de alguns autores, posicionando-nos quando necessário, criticamente e analisando os acontecimentos da prática escolar observados no dia-a-dia. Fizeram-se intervenções, tentando reflectir sobre a realidade educacional local entrevistando as famílias das crianças do pré-escolar da Instituição. Visando compreender as falhas e os problemas que advêm da ausência da Família na vida da criança, utilizaram-se algumas fontes bibliográficas, recorrendo a uma metodologia qualitativa passando por entrevistas, recolha fotográfica, investigação-acção (observador participante) e também o método hipotético-dedutivo.

Para uma melhor compreensão destas dimensões, o relatório encontra-se repartido em seis capítulos, desenvolvendo: entre I a VI, no capítulo I, a caracterização do contexto educativo, no capítulo II a contextualização do estudo/problema; no capítulo III a fundamentação das opções educativas do estudo em questão; no capítulo IV a metodologia utilizada; no capítulo V apresentação, análise e discussão dos dados; no capítulo VI apresenta-se o desenvolvimento da prática profissional. Visa-se deste modo a separação temática entre Capítulos e maior desenvolvimento dos temas presentes.

O relatório incide sobre a relação Escola-Família, tendo como principal esperança a de melhoria e partilha com todos os que intervêm neste processo, como forma de ser obtido um contributo qualitativo, crescente no desenvolvimento das crianças. É objectivo primordial diminuir o fosso existente entre estas duas Instituições com características tão diferentes mas onde existe um grau de complementaridade enorme.

Actualmente, a grande maioria da composição dos agregados familiares é reduzido, sem estrutura familiar de apoio - como já se verifica nas zonas rurais - com ambos os progenitores com funções laborais como garante da sua sustentabilidade que lhes ocupam grande parte do seu tempo, leva a que as crianças frequentem cada vez mais cedo instituições que complementam o seu papel e acção educativa. Por isso, é necessária a existência deste tipo de instituições como forma de suporte ao apoio familiar. Surge assim, a problemática relação Escola-Família, sendo de considerar que quanto mais qualidade tiver esta relação maiores serão os benefícios para as crianças.

Capítulo I: Contextualização da Prática Profissional

1 - Caracterização do Contexto Institucional

1.1- Contexto Local

1.1.1-Localização geográfica

O local onde decorreu a prática profissional e investigação-acção, foi no Jardim de Infância do Centro Social Monsenhor Martins, que se situa na aldeia Ligares.

Ligares é uma das 6 freguesias do concelho de Freixo de Espada à Cinta, com uma área total de 45,7 km² e dista cerca de 21Km da sua sede de concelho. Situa-se na margem esquerda de uma ribeira, afluente do rio Douro. Segundo a Tipologia de Áreas Urbanas, esta freguesia está descrita como Área Predominante Rural, é uma aldeia bastante isolada devido à fraca acessibilidade. Ligares é a segunda freguesia mais populosa do concelho, possuindo uma população Residente de 520 habitantes, sendo 243 homens e 277 mulheres e uma densidade populacional de 11,4 hab./km². (AMDS – Associação de Municípios do Douro Superior). É uma aldeia bastante populosa, no cimo de uma alargada encosta, abrigada pelo Monte de Santa Bárbara, e cujas raízes se perdem no tempo. Trata-se de uma freguesia antiga, dado que nas Inquirições de 1258 e no Foral de Freixo de Espada à Cinta de 1 de Outubro de 1512, vem com a escrita de “ILGUARES”. Em 1271 o escrivão da Câmara usou o termo “ILIGARDES” e em 1758 nas Memórias Paroquiais aparece a palavra “ILLEGARDES”. Foi uma aldeia de apresentação de mitra. Em 1236, quando é suprimido o concelho de Urros, passou a integrar o de Freixo de Espada à Cinta. Em 1866 passou a ter escola primária que é referenciada depois em 1872. Pertenceu ao concelho de Torre de Moncorvo de 1896 a 1898, enquanto durou a supressão de Freixo. (Fonte: <http://www.amdourosuperior.pt>.)

O entrave maior que a Aldeia de Ligares possui é a sua localização territorial, pois, carece de acesso ao concelho de Freixo de Espada à Cinta, para não ser referido às grandes cidades. Deste modo, o acesso a determinados bens e serviços para o normal funcionamento do Jardim de Infância e crescimento sustentável das crianças é posto em causa. Ligares possui ainda um clima fortemente caracterizado por extremos, o Inverno

é muito rigoroso e o Verão árido. Para dificultar ainda mais este problema as crianças na sua maioria deslocam-se a pé para a Instituição e os seus familiares trabalham a uma distância enorme, em alguns casos não trabalham e outros têm os seus pais separados e não vivem ambos na aldeia. Com estes problemas torna-se assim ainda mais difícil fomentar a relação escola-família.

1.1.2- Caracterização da população

A principal fonte de recurso desta população é a agricultura, centrando-se a sua principal actividade económica: na produção de vinho generoso e de mesa, amêndoa e azeite em abundância. Os pomares de laranjeiras também são de referir, bem como a apicultura e alguma pecuária. Existem ainda outras actividades para além desta já referida, tais como a pastorícia, o pequeno comércio, a construção civil, as pequenas indústrias. Os serviços adicionais que se podem encontrar na aldeia de Ligares são: um posto médico, o Centro Social com lar de idosos e Jardim de Infância, a Junta de Freguesia de Ligares e uma Associação Desportiva. As condições de vida da comunidade desta aldeia são pobres, algumas famílias que apresentam condições de vida um pouco ambíguas, cujo seu rendimento é relativamente baixo. Sendo o nível socioeconómico da população caracterizado por médio/baixo.

1.2- Caracterização da Instituição

O Centro Social Monsenhor Martins apresenta um ambiente apelativo e agradável. O Jardim de Infância funciona há 28 anos, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e acolhe particularmente crianças oriundas da aldeia. Integra 3 salas que se encontram no primeiro piso, nas quais funcionam as valências de creche e Jardim de Infância. Numa das salas encontra-se a creche/ berçário, (crianças dos 4 meses aos 3 anos), actualmente encerrada pela ausência de crianças desse grupo etário, a sala do ensino pré-escolar (crianças dos 3 aos 6 anos) e a terceira sala adaptada para o acolhimento das crianças. A creche/ berçário é constituída por três dependências, sala, fraldário e casa de banho. O pré-escolar é constituído por uma sala de actividades (com casa de banho incluída), pátio de jogos, casa de banho, uma despensa e uma sala

de acolhimento. Outras dependências que fazem parte da Instituição são, o átrio do Centro, um salão que serve como polivalente, um refeitório, uma cozinha / copa, uma secretaria, sala de atendimento, e ainda as dependências reservadas à Comunidade Religiosa. As salas têm excelente luminosidade devido às suas grandes janelas, o que proporciona um bom arejamento e encontram-se divididas em diferentes áreas: área da casinha, do acolhimento, dos jogos, das construções, garagem, pintura, biblioteca e escrita. O mobiliário existente na Instituição é do tipo tradicional e apesar de já ter alguns anos de uso, encontra-se em bom estado de conservação, não acarretando consigo problemas de segurança às crianças.

As salas de actividades são espaços que se destinam ao desenvolvimento de actividades pedagógicas que podem ser realizadas em grande grupo, em pequeno grupo ou individualmente. As salas apresentam material diversificado, permitindo a realização de actividades variadas, que oferecem múltiplas oportunidades de realizar experiências activas. Estas actividades permitem desenvolver as várias áreas de conteúdo como a área de formação pessoal e social, área de expressão e comunicação e a área de conhecimento do mundo. O equipamento e o material são seleccionados pela Educadora e crianças da sala, tendo em conta a idade das crianças. Os materiais existentes são em número considerável e em bom estado de conservação. A relação entre os agentes que compõem o Jardim de Infância é classificada como óptima, desde a Directora da Instituição, Educadora de Infância, auxiliares e restantes membros, devido à harmonia que se reflecte no quotidiano.

1.2.1-Espaço exterior

O meio envolvente de uma instituição é o contexto em que ela existe e realiza a sua actividade e que, de algum modo, influencia a forma como se comporta e desenvolve. No Jardim de Infância em análise, o meio envolvente é relativamente calmo, é basicamente constituído por uma zona residencial, não sendo assim, importunado pela azáfama das cidades.

O espaço exterior está adaptado às idades e níveis de desenvolvimento das crianças. Este espaço possui algum equipamento variado, apesar de antigo encontra-se em bom estado de conservação, integrando um complexo com escorrega, cavalinhos,

baloços e arco. Em todo o espaço exterior verifica-se a existência de uma cobertura, possibilitando actividades exteriores quando as condições climatéricas são adversas. Deveria ser dada importância ao espaço exterior, pelas potencialidades e oportunidades educativas que pode oferecer, pois como refere Silva (1997:38), o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Sendo um prolongamento do espaço interior, onde as mesmas situações de aprendizagem têm lugar ao ar livre, permite uma grande diversidade de oportunidades educativas, pela utilização de um espaço com outras características e potencialidades. “É essencial para o crescimento e desenvolvimento das crianças pequenas que tenham tempo, em cada dia, para brincar num recreio exterior seguro” (Hohmann & Weikart, 2007:212).

O espaço exterior possibilita também a vivência de situações educativas intencionalmente planeadas e a realização de actividades informais, pois nenhum espaço de interior poderá igualar-se aos sons, cheiros, aspectos e texturas do mundo natural. “O espaço exterior é também um local onde se podem realizar experiências próprias e diferentes daquelas que ocorrem no espaço interior” (Oliveira-Formosinho, 1998: 109). Toda a instituição está rodeada por um gradeamento e possui portões bastante pesados para garantir a segurança das crianças, dificultando a sua saída para a via pública sem o acompanhamento de um adulto. Os corredores exteriores entre o edifício e a vedação, são adequados, porque em caso de emergência facilita a passagem de uma quantidade considerável de pessoas, num curto período de tempo. “O espaço exterior deve estar adaptado às idades e níveis de desenvolvimento das crianças de forma a oferecer-lhes múltiplas oportunidades de realizar experiências activas, favorecendo o desenvolvimento social e cognitivo” (Oliveira-Formosinho, 1998: 109).

Todo o meio social envolvente de uma instituição influencia, directa ou indirectamente, o desenvolvimento cognitivo, afectivo e social da criança. Existe uma forte ligação entre o meio envolvente, o ambiente em que a criança cresce e a formação e o desenvolvimento da sua personalidade.

1.3- Caracterização do espaço/sala

Um dos factores que mais influência a dinâmica da sala é a organização do seu espaço, uma vez que a forma como se aproveita esse espaço é determinante para o decorrer da prática pedagógica. Uma sala de actividades para um grupo de Pré-escolar terá que ser organizada, permitindo o conforto e segurança da criança, assim como a funcionalidade do adulto. O espaço terá que ser amplo e aberto, de forma a permitir que as crianças tenham diferentes áreas de actividade, proporcionando, em simultâneo, uma visão do adulto sobre todo o espaço e sobre as crianças. “A organização do espaço, quando caracterizada pela consistência e permanência, permite que a criança possa antecipar onde quer ter uma actividade e o que fazer com os materiais que lá se encontram” (Hohmann & Weikart, 2007:165). Na sala de actividades do pré-escolar do Centro Social M. Martins de Ligares, a sua organização ao longo do ano lectivo bem como toda a sua ergonomia foi realizada com o apoio de uma ferramenta que está à disposição da Educação de Infância, denominado por PIP (Perfil de Implementação do Programa), o qual é escalonado em períodos de tempo e pontuação que serve para a sua classificação e para verificar a sua evolução. (ver anexo A – Quadro PIP, página 88). Quanto ao espaço sala, relativamente ao grupo de crianças em questão, é ampla, arejada e muito iluminada, tem várias áreas ao dispor das crianças, com os seus respectivos materiais. As actividades preferidas dentro desta passam pela dança, pelo canto, pelos jogos faz de conta, e pelas actividades plásticas: pintura, modelagem, rasgagem e desenho. Os objectos e brinquedos estão acessíveis às crianças, permitindo-lhe uma utilização autónoma. Deste modo é fundamental o uso de materiais diversos, adequados à idade, que não constituam perigo e que se direccionem para as várias áreas de desenvolvimento.

“Os materiais e as imagens possuem também uma função ilustrativa da via familiar da criança. A maneira como arranjam e equipamos os espaços para as crianças tem um valor de mensagem do tipo “ Isto é o que nós somos e aquilo a que damos valor”. [...] As áreas pensadas e organizadas especificamente para a aprendizagem activa permitem aos adultos observar e interagir com as crianças” (Hohmann & Weikart, 2007:176-182).

Deste modo, a sala está organizada da forma que a seguir se apresenta: (ver anexo A – Quadro PIP e anexo B - Planta da Sala, páginas 88 e 89);

A área dos Jogos e Construções tem muitos brinquedos, estes estimulam os sentidos, exercitam os músculos em desenvolvimento e criam sorrisos imparáveis. A maior parte dos brinquedos para crianças desta idade são projectados especificamente para ajudar o seu desenvolvimento, como as habilidades motoras, compreensão visual e linguagem. Todos eles são adaptados às suas idades e nível de desenvolvimento e de dimensões suficientemente grandes, para não serem passíveis de serem engolidos. Existe um tapete, com jogos de encaixe, legos, enfiamentos, telefones, blocos lógicos, e jogos de construções. A área da casinha é composta por um louceiro, uma banca, uma mesa, quatro cadeiras, uma tábua de passar a ferro, fogão, balança, uma cama, uma mesinha de cabeceira e um guarda-fatos. Nesta área as crianças têm possibilidade de se envolverem em importantes interações no que diz respeito ao jogo simbólico. Esta é a área mais procurada pelas crianças de ambos os sexos, onde se envolvem em jogos do faz-de-conta. A área da biblioteca é importante para que, desde cedo, se estabeleçam bons hábitos de leitura e para fomentar o desenvolvimento da linguagem. As crianças gostam dos livros, de ver as imagens e folhear. Esta área é procurada diariamente e algumas crianças seleccionam os livros para que o adulto lhe conte a história, ou lhe mostre as imagens repetindo as palavras que o adulto vai pronunciando, o que se revela importante no desenvolvimento da linguagem. A área da escrita, foi criada ao longo do ano lectivo, é constituída por uma mesa e duas cadeiras onde podemos encontrar alguns livros de pinturas, diferentes tipos folhas, revistas, material de apoio ao desenho e a pintura como lápis de cor, lápis de carvão, plasticina e moldes. Esta área é frequentada maioritariamente pelas crianças mais velhas, onde adquirirem destrezas cognitivas, que os ajudará mais tarde ao ingressarem no 1º ciclo. A área da música apesar de já existir na sala, foi trabalhada com a ajuda das crianças, sendo que a maior parte dos instrumentos musicais foram construídos pelas mesmas. É uma área constituída por uma caixa grande, dois bancos e diferentes instrumentos musicais. Apesar de o grupo gostar muito de música, a procura desta área ainda não os motiva muito, no entanto não é descurada nas suas brincadeiras. Na área da garagem, existe um tapete com diversos brinquedos, carros, comboios, articulados, armações de automóveis e algumas peças de mecânica. É uma área frequentada maioritariamente por crianças do sexo masculino, onde recriam situações da vida quotidiana e familiar. Quanto à área da pintura, mais uma área que foi criada ao longo do ano lectivo, é constituída por um cavalete, banco,

folhas brancas, algumas tintas de água e tem como apoio aventais e manguitos. É uma das áreas que as crianças mais frequentam.

Verifica-se que, este grupo possui particularidade, de se dividir pelas áreas, de forma heterogénea a nível de sexo e idade, não sendo apenas as crianças do sexo feminino a procurar a área da casinha, mas tendo também uma grande afluência por parte das crianças do sexo masculino. Uma das características mais marcantes deste grupo é a curiosidade e a forma como recriam aspectos do ambiente familiar, revelados em manifestações simbólicas assumidas no jogo de faz de conta, que constroem nas diferentes áreas e nas quais vão relacionando as suas representações sobre acontecimentos da vida quotidiana. Sendo a organização do espaço importante, porque afecta tudo o que a criança faz: o grau de actividade que pode atingir, as escolhas que podem fazer, a sua concretização, assim, como afecta o seu relacionamento com as outras pessoas e o modo como utiliza os materiais. A disposição das áreas dentro da sala é modificada ao longo do ano pela educadora em conjunto com as crianças, conforme evolução do PIP. As crianças escolhem os locais que mais lhe agradam para se fazerem as mudanças. “ Objectos e materiais que motivem as crianças são essenciais para aprendizagem activa. A sala deve, por isso, incluir uma grande variedade de objectos e materiais que possam ser explorados, transformados e combinados” (Hohmann & Weikart, 2007: 162).

Os materiais das diferentes áreas são as crianças com auxílio da educadora quem faz a selecção do emprego desses objectos nas diferentes áreas, de acordo com as suas preferências e decisões, de forma a que fiquem dispostos para que estas se possam movimentar entre as diferentes áreas de acordo com as suas brincadeiras, e estas fiquem acessíveis para as crianças, mas também para os adultos, para estes os poderem observar e participarem nas brincadeiras das crianças conforme o PIP.

1.3.1- Organização do tempo

Na organização do tempo lectivo, existe uma rotina diária como o acolhimento, o almoço e lanche, bem como alguns momentos relacionados com a higiene, sendo estes necessários para a criação de hábitos na criança. Existe também uma organização do tempo para que a criança consiga experienciar várias oportunidades e estabelecer diferentes tipos de interacção.

“Gestão do tempo, embora pensada pelo adulto (aí a sua actividade), tem de ser progressivamente co – construída pela criança. O adulto não pode aparecer e fazer, cada dia, o que quiser a seu bel- prazer. Ele tem de utilizar o tempo de cada dia para prestar serviços educativos à criança. Ao pensar nesses serviços, [...], que são antes resultado dos conhecimentos científicos que o currículo de High – Scope adoptou “ (Oliveira-Formosinho, 1998: 71).

Pretende-se transmitir e inculcar às crianças hábitos de gestão de tempo, passando por lazer, as famosas brincadeiras e obrigações, com prazos estipulados, como trabalhos e tarefas a desempenhar onde o objectivo é as crianças, desenvolverem em conjunto com a Educadora de Infância, a noção de responsabilidade.

O Jardim de Infância encontra-se aberto de segunda a sexta – feira, das 08h às 17h.

A rotina diária divide-se pelo tempo lectivo e tempo social ou de apoio à família.

Quadro I- Rotina Diária

Componente social	Componente lectiva
8h às 9h	9h às 12h
12h às 14h	14h às 16h
16h às 17h	

“ A rotina diária proporciona às crianças muitas oportunidades para seguir e expandir os seus próprios interesses. Consequentemente, a rotina diária tem o potencial de ensinar aos adultos qualquer coisa nova sobre cada criança” (Hohmann & Weikart 2007:227). A partir das 8h realiza-se o acolhimento, o qual é desempenhado por uma auxiliar de acção educativa, na sala de acolhimento, onde as crianças brincam com diferentes brinquedos e observam desenhos animados na televisão.

“Ainda que a rotina divida o dia em blocos de tempos identificáveis e destinados a tipos específicos de actividades, não dita os pormenores daquilo que as crianças farão durante cada período de cada actividade. Em vês disso a rotina está planeada por forma apoiar a iniciativa de cada criança” (Hohmann & Weikart, 2007: 224).

Das 9h até às 12h, as crianças reúnem-se com a educadora e seleccionam o “orientador”, o qual fica com a responsabilidade em fazer a marcação das presenças, assegurar com os colegas arrumação dos materiais da mesa de trabalho, a distribuição pelas diferentes áreas e organização do grupo quando se desloca para fora da sala. Este papel de orientador é rotativo, passando por todas as crianças do grupo. A criança em alguns momentos assume o papel do adulto, desenvolvendo assim autonomia, maior interacção com colegas, e aprendem regras de comportamento que lhes permitam actuar de forma adequada quando estão em grupo. Segundo a estrutura curricular de High – Scoope, “A rotina comporta trabalho individual da criança, decisões individuais da criança, embora naturalmente apoiadas. Também comporta actividades de pequenos grupos e de grande grupo com vista à interacção e cooperação” (Oliveira-Formosinho, 1998: 67). Após a escolha do orientador do dia, a educadora tem com o grupo uma pequena conversa sobre o dia anterior, onde as crianças avaliam o que fizeram, se gostaram, se querem continuar com o projecto. Passa-se à planificação das actividades do dia propostas pela educadora e integrando as sugestões das crianças, que chegam por vezes a sugerir outras actividades não relacionadas com o projecto. As actividades são realizadas em grupo, onde as crianças além de partilharem os diferentes materiais, podem partilhar ideias. As actividades nas mesas são apoiadas pelos adultos, educadora e auxiliar. À medida que terminam as actividades, as crianças seleccionam uma área para brincar com auxílio do orientador do dia. Por volta das 12h, as crianças vão lavar as mãos na casa de banho e dirigem-se para o refeitório para o almoço. Após, o almoço voltam à casa de banho onde lavam os dentes e fazem a sua higiene. Depois vão para o recreio livre e se as condições atmosféricas o permitirem vão para o exterior, caso contrário encontram-se no polivalente. As actividades são seleccionadas pelas crianças, passam pelas brincadeiras no parque, jogos individuais ou colectivos. Segue-se o período de descanso entre as 13h e as 14h.

A partir das 14h as crianças estão novamente com a educadora. Fazem análise dos trabalhos que elaboraram durante a manhã e posteriormente expõe nos placares. A criança no dia que é “orientador”, com auxílio da educadora selecciona uma ou várias actividades para o grupo, que passam por jogos construídos pelas crianças e educadora, actividades de plástica, construções, etc. Por volta das 16h as crianças dirigem-se novamente à casa de banho para lavar as mãos, depois para o refeitório onde lancham,

após o lanche lavam novamente as mãos, regressam à sala de acolhimento acompanhados pela educadora, onde se reúnem na manta a ouvir uma história ou a cantar canções enquanto aguardam que os pais ou familiares os venham buscar entre as 16.30h e às 17h.

“A rotina diária facilita as transições das crianças de casa para os contextos educativos ao criar um sentido de pertença a uma comunidade. As expectativas colectivas e os procedimentos embutidos na rotina diária criam uma rede social – todos fazemos planos, todos temos tempo de trabalho, todos falamos daquilo que fizemos. Em particular, para as crianças cujas famílias possam estar a mudar ou a adoptar novas formas, ou aspectos metódicos e comunitários da rotina diária poderão servir como uma importante âncora emocional” (Hohmann & Weikart, 2007: 226).

A organização temporal deve contemplar momentos para satisfazer as necessidades da criança, pela construção gradual de uma rotina diária coerente, que lhe dê a oportunidade de poder: comunicar, conversar entre si, planear as actividades e os materiais que quer utilizar, pôr em prática os seus planos, participar nas actividades de grupo, rever o que fez, brincar no recreio, fazer a sua higiene, comer e descansar.

1.4- Organização do ambiente educativo

1.4.1-Equipa técnica

Considerando que os recursos humanos são essenciais para o bom funcionamento de uma Instituição educação Pré-Escolar. Estes recursos são organizadores de um ambiente facilitador no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças.

“O processo de construir relações apoiantes, recolher informação válida sobre as crianças e criar estratégias para apoiar o seu desenvolvimento, exige uma clara consciência de como a equipa está a funcionar. Isto implica discutir os papéis e as expectativas, partilhar as responsabilidades pelo funcionamento da equipa, e tomar decisões curriculares enquanto grupo” (Hohmann & Weikart, 2007:149).

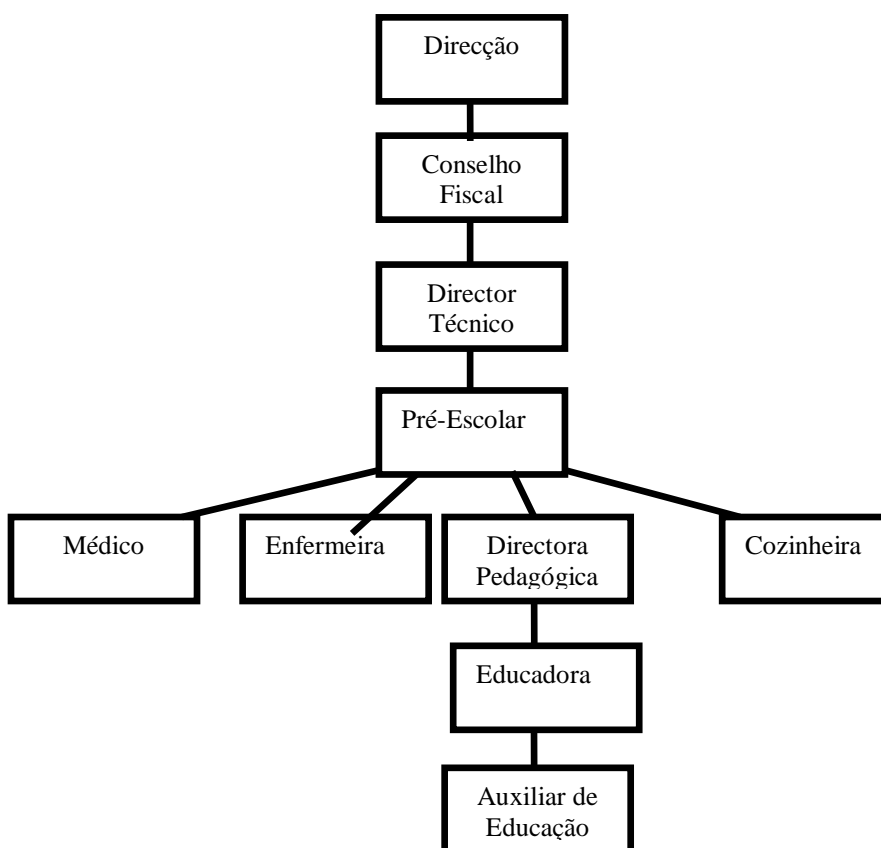
São extremamente importantes as relações que se estabelecem, nomeadamente as relações entre a equipa técnica. O tempo pedagógico é assegurado, na sala, por um profissional de educação, educadora de infância, com o apoio de auxiliar de educação.

Na sala do pré-escolar do jardim de infância do C.S.M.M. – Ligares, encontramos uma educadora de infância e uma auxiliar de educação, para além destes profissionais que prestam serviços educativos e asseguram o desenvolvimento das crianças, ainda intervêm outros parceiros educativos no funcionamento do Jardim de Infância, como uma Enfermeira, Médica, Directora da Instituição, a comunidade pertencente à Instituição, comunidade envolvente e os pais ou encarregados de educação.

1.4.2-Estrutura organizativa (organigrama)

No sentido de ter uma maior visão de todos os membros que envolvem a valência do pré-escolar do Jardim de Infância da Instituição, apresenta-se um organigrama com todos os dados, estando estes organizados em pirâmide com forma decrescente:

Organigrama Hierárquico Centro Social Monsenhor Júlio Martins



1.5 - Caracterização do grupo de crianças

É fundamental conhecer o grupo de crianças com quem se trabalha, tendo em conta as necessidades do mesmo e de cada criança. Assim importa caracterizar o grupo nas suas diferentes dimensões (social, ética e pessoal). É com base nestes objectivos que se conseguirá atingir propostas interessantes e impulsionadoras, para a globalidade do grupo de crianças. “Na educação pré-escolar o grupo proporciona o contexto imediato de interacção social e de relação entre adultos e crianças” (Silva, 1997:34). Todas estas crianças residem na freguesia de Ligares, factor facilitador na sua deslocação para o Jardim-de-Infância diariamente, que na sua maioria é feito a pé, o que é vantajoso na medida em que permite às crianças um contacto permanente com o meio rural e com a natureza. O grupo de crianças no início do ano lectivo 2009/2010 era constituído por 9 crianças, 4 do género masculino e 5 do género feminino. Neste grupo existem 4 crianças com 3 anos de idade, das quais são 2 meninas e 2 meninos; 2 crianças de 4 anos de idade, 1 menino e 1 menina; e por fim 3 crianças com 5 anos de idade, 2 meninas e 1 menino. (quadro II).

Quadro II – Constituição do grupo (Setembro 2009)

3 ANOS		4 ANOS		5 ANOS		TOTAL		NEE	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
2	2	1	1	1	2	4	5	1	0

Em Janeiro de 2010, o grupo de crianças encontrava-se diminuído, sofrendo algumas perdas, (Quadro III). Os motivos pelos quais as crianças saíram da Instituição foram: uma que vive só com a Mãe (filha de pai incógnito) deslocou-se para o estrangeiro para trabalhar e a criança acompanhou-a; outra porque os pais mudaram de residência por motivos de trabalho, e duas crianças, foram retiradas à família, encontrando-se actualmente numa Instituição de acolhimento de crianças desfavorecidas e em risco.

Quadro III – Constituição do grupo (Janeiro 2010)

3 ANOS		4 ANOS		5 ANOS		TOTAL		NEE	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
0	1	1	1	1	1	2	3	1	0

Logo, um grupo heterogéneo e complexo quanto à sua composição a nível de género e idades. É de referir que se encontra integrada neste grupo uma criança merecedora de atenção especial, com necessidades educativas especiais, portadora de Trissomia XXI. Esta criança apesar de ter dificuldades a nível motor e verbal, tendo em conta a sua idade, apresenta já uma certa autonomia, encontra-se bem integrada no grupo, sendo bem aceite não só pelo grupo a que pertence, mas também pelas outras crianças que fazem parte da Instituição. Esta criança participa em todas as tarefas e actividades diárias. “Sabe-se, no entanto, que a interacção entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e com saberes diversos é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem” (Silva, 1997:35). O grupo de crianças encontra-se em diferentes níveis de desenvolvimento de aprendizagem psicomotora, é um grupo activo que necessita de constantes actividades devido, não só pela diferença de idades, mas também em relação ao meio familiar e social onde se encontram inseridas, não deixando de ter um desenvolvimento normal. As crianças do grupo etário com 3 anos de idade que se encontravam no início do ano lectivo na Instituição eram quatro, sendo duas destas crianças irmãos gémeos. Começando por caracterizar estas duas crianças, a nível linguístico-cognitivo as crianças sofreram uma regressão, recomeçando a utilizar pequenas frases e com alguma dificuldade, devido a acontecimentos traumáticos anteriores aos quais foram sujeitos, assistiram à prisão dos seus pais, estiveram ao cuidado de duas instituições cerca de um mês, regressaram depois ficando na tutela da avó paterna. A nível psicomotor estas crianças mostravam bastante autonomia, com grande facilidade na sua mobilidade, embora apresentassem dificuldades ao nível da coordenação de movimentos/motricidade fina, não tinham noção sobre o espaço e tempo, no entanto ao nível da alimentação demonstravam bastante independência. A nível sócio-afectivo as crianças eram bastante reservadas, apresentavam grandes

dificuldades ao nível concentração, de aceitação de regras, de relacionamento com outras crianças e adultos, costumavam solicitar muito a ajuda dos adultos e necessitavam de atenção constante. Eram crianças muito activas, encontravam-se em constante movimento, tinham bastante receio principalmente com adultos desconhecidos e eram conflituosas, e os seus comportamentos eram dispersos quer em relação às outras crianças, quer em relação aos adultos.

As restantes crianças com 3 anos de idade que constituíam o grupo apresentavam um grau de desenvolvimento semelhante a nível psicomotor estas crianças foram adquirindo alguma autonomia, apresentavam ainda dificuldades com a coordenação de movimentos/motricidade fina, sem conhecimento e noção sobre o espaço e o tempo, tinham bastante independência ao nível da alimentação e higiene; ao nível linguístico-cognitivo as crianças começavam a utilizar frases, melhoravam a sua conduta social, possuíam grandes desejos de agradar os adultos, não conseguiam distinguir a fantasia da realidade e utilizavam inúmeras frases do tipo interrogativas; a nível sócio - afectivo as crianças eram reservadas de início, após integração tornaram-se crianças sociáveis, meigas e obedientes, costumavam solicitar a ajuda dos adultos e necessitavam de atenção constante e tinham grande necessidade de elogio naquilo que faziam. Em relação às duas crianças de 4 anos de idade, uma delas com necessidades educativas especiais, portadora de Trissomia XXI, tinha o apoio, uma manhã por semana, de uma educadora no âmbito da intervenção precoce, e uma hora por semana de acompanhamento de terapia da fala. Sendo o elemento mais novo numa família de oito irmãos, com algumas carências no meio familiar, mas notava-se uma criança feliz que sempre gostou da família e de estar na Instituição. Manifesta-se muito dependente do adulto, mas ao nível psico-motor caracteriza-se por ter alguma autonomia, pois já corria sem ajuda, embora apresentando dificuldades de coordenação de movimentos. Tinha algumas noções sobre o espaço, identificava as várias partes do corpo, tendo já definida a mão dominante. Em relação à alimentação e higiene tinha muita dependência do adulto; ao nível linguístico-cognitivo, a criança apresentou alguma evolução, pronunciava algumas palavras correctamente e começava a construir pequenas frases, ao nível sócio-afectivo, inicialmente manifestava-se uma criança tímida e com muitos receios, mas após integração no meio e na relação com outras crianças mostrou-se bastante sociável, simpática e meiga, mas muito teimosa. Solicitava constantemente a

presença e ajuda dos colegas e dos adultos, na maioria das situações sem necessidade só com intuito de chamar atenção, mas mostrou ser uma criança feliz. A outra criança de 4 anos de idade, a nível psicomotor já possuía uma grande autonomia física, uma melhor coordenação motora que lhe permitia vestir e despir-se sozinha, começava a interessar-se sobre noções de espaço e tempo, conseguia alimentar-se sozinha e a nível de higiene tornou-se independente; ao nível linguístico-cognitivo tinha uma linguagem mais esclarecedora, já desenvolvia o raciocínio verbal e grafismo, começava a separar a fantasia da realidade, necessitava de um espaço só para ela e de maior “privacidade”, protestava e retilava muito e gostava de fazer coisas novas; a nível sócio-afectivo era uma criança sociável, meiga, mas um pouco egocêntrica, tendo dificuldades em cumprir regras e em respeitar os outros, provocava alguns conflitos com colegas, para o que contribuía entre outros a separação dos pais, acontecimento que se reflectia bastante no seu comportamento.

Por fim, e no que diz respeito às três crianças de 5 anos de idade, pode dizer-se que uma das crianças se destacava um pouco dos colegas, era uma criança mais activa, mais perspicaz, com um comportamento discrepante no Jardim de Infância e com a família. Ao nível psicomotor esta criança que possuía grande controlo da sua actividade corporal, tendo um sentido de equilíbrio bastante desenvolvido e já dominava os hábitos básicos de higiene, alimentação e vestuário; ao nível linguístico-cognitivo usava uma linguagem pobre, expressava-se com frases um pouco incorrectas, falava muito depressa, possuía um raciocínio verbal e gráfico razoável, tendo uma grande capacidade de imitação do comportamento adulto e necessitava de alguns momentos de solidão e de retiro; ao nível sócio-afectivo era criança complexa, bastante meiga e afável para com as crianças mais novas e adultos da instituição, mas rebelde em relação às outras crianças da mesma idade, reivindicava pequenos privilégios dentro da sala, manifestando autoritarismo perante os colegas, tentava liderar. As outras duas crianças que fazem parte do grupo de 5 anos de idade, encontravam-se num nível idêntico de desenvolvimento, eram crianças muito calmas. Ao nível psicomotor estas crianças tinham controlo da sua actividade corporal, um sentido de equilíbrio bastante desenvolvido e já dominavam os hábitos básicos de higiene, alimentação e vestuário; ao nível linguístico-cognitivo, encontravam-se com algumas dificuldades no uso correcto da linguagem, expressavam-se com frases pouco correctas, omitindo algumas

consoantes; ao nível sócio-afectivo eram crianças um pouco reservadas inicialmente, mas com a interacção mostraram-se crianças meigas, afectuosas, afáveis e dóceis.

Em geral, encontravam-se, neste grupo, crianças carenciadas afectivamente, solicitando frequentemente o apoio de um adulto, que procurava corresponder às suas necessidades. Este grupo de crianças pertence a uma classe social média baixa, sendo que algumas vivem em contextos familiares um pouco problemáticos que podem, não só, contribuir para justificar a presença de comportamentos violentos, como também comportamentos que exigem um maior grau de envolvimento afectivo por parte dos adultos.

1.6- Caracterização sócio-cultural e profissional das famílias

As crianças que frequentam o Jardim de Infância do Centro Social M. Martins estão inseridas num meio caracterizado por uma homogeneidade social que é transportada para dentro do Jardim. Ao averiguar-se quem são as famílias das crianças que frequentam a Instituição e considerando o agregado de pessoas que com elas vivem responsáveis pela sua educação, o que sobressai é que nem todas elas vivem com ambos os pais, mas sim com algum familiar próximo, como avós. Relativamente às actividades profissionais dos pais, as que mais se destacam integram-se no sector primário, sendo que a principal fonte de recursos desta população é a agricultura, com mais enfoque para o azeite e o vinho. Quanto às habilitações literárias dos pais não existe grande discrepância. A maioria possui o ensino do 1º ciclo, um dos pais o 2º ciclo, quatro o 3º ciclo e só um completou o ensino secundário.

Esta pesquisa e os dados obtidos revelam uma grande heterogeneidade dos pais e da proveniência social das crianças que formam o grupo. São famílias de alguma natureza problemática, com baixo nível de ensino, além das dificuldades financeiras, emergem problemas relacionados com álcool, violência verbal. O que se reflecte no comportamento e atitudes destas crianças.

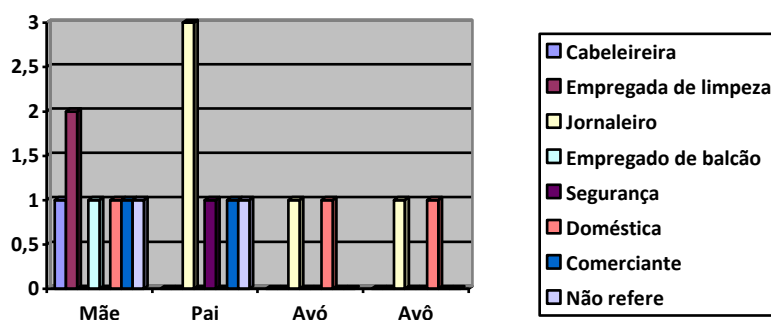
1.6.1-Nível literário dos pais e encarregados de educação

Profissões	Mãe	Pai	Avó	Avô
Cabeleireira	1	0	0	0
Empregada de limpeza	2	0	0	0
Jornaleiro	0	3	1	1
Empregado de balcão	1	0	0	0
Segurança	0	1	0	0
Doméstica	1	0	1	1
Comerciante	1	1	0	0
Não refere	1	1	0	0

Tabela 1: Profissão dos pais e encarregados de educação.

Análise da tabela 1: verifica-se que a maioria dos Pais e Encarregados de Educação se encontram empregados, apenas é de ressaltar algumas situações incertas. A maioria trabalha no sector primário.

Gráfico n°1: Profissão dos pais e encarregados de educação



Análise do gráfico n°1; verifica-se que as profissões das Famílias das crianças, na maioria pertencem ao sector primário.

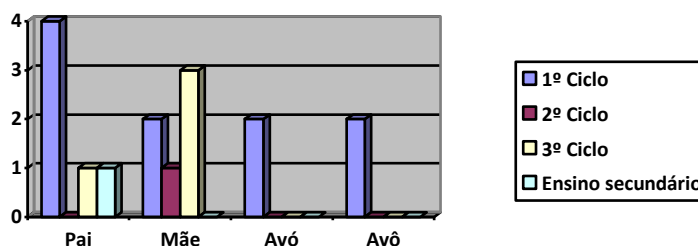
1.6.2-Habilitação literárias dos pais e encarregados de educação

Tabela 2: Habilitações literárias dos pais e encarregados de educação

Habilitação Literárias	Pai	Mãe	Avó	Avô
1º Ciclo	4	2	2	2
2º Ciclo	0	1	0	0
3º Ciclo	1	3	0	0
Ensino secundário	1	0	0	0

Análise da tabela 2: verifica-se que a maioria dos pais e encarregados de educação possui apenas o 1º ciclo, apenas um o 2º ciclo, quatro dos pais possuem o 3º ciclo e só um pai completou o ensino secundário.

Gráfico nº2: Habilitações literárias dos pais e encarregados de educação



Análise do gráfico nº2; o nível literário dos pais e encarregados de educação das crianças estão distribuídos por quatro níveis de ensino. Nesta distribuição destaca-se o primeiro ciclo com uma maior frequência absoluta, e o ensino secundário com uma frequência absoluta mínima. Mostra-se assim o baixo nível de habilitações académicas.

1.6.3- Relação com os pais e com outros parceiros educativos

Para o bom funcionamento de um Jardim de Infância, a participação dos pais é fundamental. Como refere Silva, (1997:43), a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas. Novamente, sobressai a relação de complementaridade entre estas Instituições, mostrando que quanto maior forem as suas relações maior será o contributo recebido pela criança, enquanto bem-

estar. As famílias em que a sua relação com o Jardim é estreita causam uma estabilidade maior na criança facilitando assim o seu melhor desenvolvimento e crescimento. “Quando os adultos mantêm um clima de apoio consistente para os aprendizes em acção todos beneficiam com a colaboração e companheirismo que daí advém” (Hohmann & Weikart, 2007: 75). Os Pais e EEs devem interessar-se pelas actividades realizadas pelas crianças e estabelecer, desde o princípio, uma boa relação com o educador de infância. Para tal, devem frequentar o Jardim de Infância e trocar impressões com o educador, como forma de resolver problemas que possam surgir à criança durante a sua permanência na Instituição.

“O papel do adulto é basicamente o de criar situações que desafiem o pensamento actual da criança e, assim, provoquem o conflito cognitivo. Com esta colaboração do adulto, a criança por si renova o seu empenhamento activo e individual com a situação ou com o problema. É este empenhamento activo e individual da criança que, não obstante o contributo do adulto, constitui verdadeiramente o motor da construção do conhecimento” (Oliveira-Formosinho, 1998: 73).

As famílias caracterizavam-se por baixo nível de ensino e formação, bem como desinteresse em participar e colaborar com o Jardim de Infância. Encontrámos pais reservados, com grande dificuldade em comunicarem com os elementos da Instituição. Qualquer abordagem por parte da Educadora causava um enorme receio. Os pais inicialmente nunca cooperavam em qualquer actividade, a não ser em raras reuniões que a Instituição convocava e a sua adesão era mínima. Não participavam em desfiles, nas festas, nas actividades propostas para casa às crianças, recusa total na participação de actividades na Instituição. De início foi extremamente difícil a abordagem aos pais e ou EEs, em tarefas tão simples como responder a questionários de avaliação do Jardim e sua educadora, tendo como objectivo mostrar a importância da cooperação/relação entre as crianças e os seus ascendentes, ou tutores. Mas paulatinamente, as famílias têm mostrado capacidade para a mudança e um esforço notável de colaborar com a Instituição. Todavia considerar que as famílias são o elo mais importante e capazes de transmitir normas de conduta social que o Jardim isoladamente se torna incapaz. Ao criar um clima de apoio para as crianças, estamos a estimular e a reforçar o seu desenvolvimento, auto-estima, a incentivar as suas escolhas e tomada de decisões. Os adultos ao estarem presentes de forma positiva e confiante, ajudam as crianças a fazer as suas escolhas e a resolver os seus problemas, para que elas experimentem a satisfação

de descobrir, respeitar, concretizar e ter responsabilidades nas suas decisões. Ambos aprendem de forma positiva a encontrar equilíbrio.

“Os adultos, tal como as crianças, têm talentos e interesses específicos. Num clima de apoio, as capacidades e os entusiasmos únicos dos adultos enriquecem e dão vida às suas interações com as crianças, estabelecendo as bases para relações autênticas que permitam que ocorra uma aprendizagem honesta e eficaz” (Hohmann & Weikart:2007, 83).

As crianças e adultos devem partilhar espaços e ideias, os adultos devem colaborar com elas, apoiá-las inclusive nas suas brincadeiras intencionais. Os adultos devem antes de tudo valorizar as acções e descobertas das crianças. Mas também abordar os conflitos e problemas de maneira apropriada, encontrando estratégias como forma de aprendizagem. Ao criar um clima de partilha entre crianças e adultos, ambos são beneficiados, juntos são aprendizes e professores. O diálogo, a interacção, a comunicação entre pais e crianças são a base para um crescimento saudável e desenvolvimento de inteligência. Contudo se estes princípios não tiverem início no seio da família, os resultados serão no futuro adultos com inúmeras limitações e incapacidades no seu meio. Com estes elementos justifica-se a importância que existe na relação Jardim de Infância/Família.

As relações Jardim de Infância/Família são essenciais para a criança se sentir bem. Para tal, o Jardim de Infância tem uma função muito importante, deve convidar os pais para a realização e promoção de actividades em conjunto com os seus filhos, bem como, participação activa em reuniões mensais, e festas organizadas pela Instituição.

Capítulo II: Contextualização do Estudo

2.1-Conceptualização do problema

O relatório incidiu como forma de traçar as linhas orientadoras de uma investigação que pretende esclarecer os elementos imprescindíveis no envolvimento das famílias das crianças que frequentam o pré-escolar da Instituição do Centro Social M. Martins de Ligares. Os cuidados com a educação das crianças terão existido desde os primórdios da civilização humana. Porém, a educação institucionalizada surgiu mais tarde, proferindo mesmo que aconteceu recentemente, atendendo ao percurso civilizacional do ser humano. Durante muitos anos o sistema educativo em Portugal foi bastante centralizado e a relação da Família com a Escola era praticamente inexistente. À Família cabia o papel de satisfazer necessidades básicas tais como alimentação, higiene e cuidados de saúde, e à Escola competia transmitir conhecimentos. Actualmente esta situação alterou-se significativamente e a relação entre a Escola, Família e Sociedade parece ser vital.

Constitui um facto que o direito à participação democrática dos pais no ensino, está reconhecido no art.º 77º da Constituição da República Portuguesa e a concretização desse direito, no que diz respeito à administração e gestão dos estabelecimentos de educação e ensino, consta no art.º45 da Lei nº 46 /86 de 14 de Outubro da Lei de Bases do Sistema Educativo, que as mudanças quanto a relação escola com a família, começaram realmente a fazer-se sentir, muito por culpa das transformações demográficas e da estrutura familiar. Analisando o Decreto-lei nº 372/90 de 27 de Novembro complementar a Lei de Bases do Sistema Educativo, define os direitos dos pais e encarregados de educação enquanto membros dos órgãos de administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar, visando concretizar a participação dos pais na vida da escola promovendo a defesa e a promoção dos interesses dos seus associados, em tudo que respeita à educação e ensino dos seus filhos e educandos, desenvolvendo acções motivadoras de aprendizagem, bem como provendo projectos socioeducativos. No art.º 4º da Lei – Quadro da educação Pré-escolar (Lei 5/97), volta a reforçar a importância da participação da família no âmbito da educação pré-escolar.

Indicando com uma afirmação do princípio geral da Lei-Quadro que considera a educação pré-escolar como “ complemento da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação”. Esta afirmação salienta a importância da relação com a família, apontando os pais como principais responsáveis pela criança. Actualmente, considera-se que os efeitos da educação pré-escolar estão relacionados com a articulação com as famílias. Já não se procura compensar o meio familiar, mas a partir dele, e ter em conta o meio e culturas de que as crianças são oriundas, para que a educação pré-escolar se possa tornar mediadora entre as culturas de origem das crianças e a cultura de que terão de se adaptar para terem uma aprendizagem com sucesso. Mas apesar do enquadramento legal ter vindo aumentar nos últimos anos as relações parecem não ser ainda muito visíveis, parece mesmo haver ainda um certo receio quanto à capacidade de recepção de uns em relação aos outros. Presentemente, os estabelecimentos de Educação de Infância têm a responsabilidade de socialização primária das crianças que, anteriormente, era única e exclusivamente da responsabilidade dos pais. Neste sentido, torna-se particularmente importante estreitar relações entre estes dois parceiros, no sentido de favorecer uma adequada formação pessoal e social das crianças.

Assim, a escolha deste tema, relaciona-se com o facto de considerar que, não existe uma verdadeira relação de parceria entre a Instituição do Centro Social M. Martins e as famílias das crianças que frequentam o pré-escolar. Tendo em conta que parte da construção que as crianças fazem, depende de uma clara articulação entre as relações da família com a escola. Esta preocupação levou a enunciar o seguinte problema:

- Em que medida o envolvimento das famílias com a Instituição que as crianças estão a frequentar, é fundamental para o desenvolvimento integral e harmonioso da criança e para promover o sucesso educativo.

Partindo do pressuposto inicial que uma boa articulação entre a Instituição (estabelecimento de ensino) e a família, é condição necessária para a formação pessoal e social da criança, bem como para o seu sucesso educativo.

Centrando então, a exploração do tema em duas hipóteses principais: 1ª Hipótese: O envolvimento da Família/Sociedade com a Instituição é condição necessária para o desenvolvimento integral das crianças. 2ª Hipótese: O sucesso do processo educativo

também depende da relação de cooperação que se estabelece entre a Família e a Instituição.

2.2-Objectivos

O desenvolvimento das crianças está inevitavelmente ligado à Instituição do Centro Social M. Martins de Ligeiras que frequentam e às suas famílias. Devendo estas duas vertentes fomentar uma educação para a liberdade baseada na promoção da construção do projecto pessoal de vida de cada criança. Conscientes que a interacção Escola/Família é hoje uma necessidade e um desafio propõe-se atingir os seguintes objectivos:

- Incentivar a participação das Famílias das crianças que frequentam a Instituição (estabelecimento de ensino) no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a Comunidade;
- Demonstrar a importância e os benefícios da cooperação entre a Instituição (estabelecimento de ensino) e a Família das crianças no sucesso educativo destas;
- Conceber estratégias no sentido de envolver as Famílias/Comunidade na acção educativa;
- Despertar Educadores e Pais para a importância das relações entre a Instituição (estabelecimento de ensino), Família e Comunidade.

2.3-Questões de Pesquisa

É este um momento importante para reflectir-se, estará o Jardim de Infância do Centro Social M. Martins preparado para abrir as portas aos problemas das famílias e comunidade que os rodeiam? Desde logo, não é tarefa fácil para esta Instituição aceitar a cooperação e a “interferência” de terceiros, e para as famílias, também nem sempre é fácil participar directamente no dia-a-dia deste. Para além de não ser um processo isento de dificuldades, este é também moroso, no que se refere à sua concretização. Considerando a relação entre a sala do pré-escolar do Jardim de Infância do Centro Social M. Martins e as Famílias uma necessidade, apresentam-se uma série de questões

pertinentes de serem aprofundadas para o sucesso da realização deste relatório, que culmina com o alcançar dos objectivos acima referidos:

- 1 - Qual a importância da interacção Jardim de Infância/Família?
- 2 - Que relação existe entre Pais e /ou encarregados de educação com o Jardim de Infância?
- 3 - Qual o envolvimento da Educadora/Jardim-de-Infância com os Pais/Família?
- 4 - Como é a participação e envolvimento das Famílias no Jardim de Infância?
- 5 - Que percepções e expectativas têm as Famílias quanto a participação e colaboração com o Jardim de Infância?

2.4-Importância do estudo

2.4.1-Motivo da escolha do tema

A selecção deste tema relaciona-se com o facto de considerar que não existe uma verdadeira relação entre o Jardim de Infância do Centro Social M. Martins de Ligares e as Famílias das crianças que o frequentam. Deste modo, é elaborado um relatório que pretende mostrar a falta de relacionamento entre Famílias e Jardim de Infância de Ligares. As razões predominantes são de natureza social (o meio é pequeno em número de habitantes, as suas formações culturais em muitos casos escassas, dificuldades estruturais como acesso a um determinado conjunto de bens e serviços presentes nas grandes cidades. É notada, a carência de empregos e de empresas, a existência de pobreza e problemas familiares) e a localização geográfica, apresenta inúmeras dificuldades em meios de transporte e fraco desenvolvimento. Temos por base a ideia que o processo de aprendizagem das crianças depende de uma clara articulação entre as relações da Família e Jardim de Infância, e as quais na maioria das regras não existe, ou é rara, pois o seu grau de intervenção com as crianças é maioritariamente escasso e “difícil de se alcançar”. Tornando assim bastante complicado a elaboração de determinadas actividades sugeridas pela Educadora de Infância. O que compromete o relacionamento entre pais e crianças impedindo-as de obter um crescimento mais saudável.

A abordagem desta problemática pretende esclarecer os elementos necessários ao envolvimento das famílias das crianças e comunidade no dia-a-dia do Jardim de

Infância do Centro Social Monsenhor Martins. Procuram-se tecer algumas considerações sobre a relação da família e comunidade, no processo de desenvolvimento de cada criança, com o estabelecimento (Instituição) que frequentam. Procedendo-se a uma análise do envolvimento das famílias e comunidade no quotidiano organizacional e laboral do Jardim de Infância, pois a participação das famílias na mesma é fundamental para o desenvolvimento integral e harmonioso das crianças. Neste sentido, têm sido sugeridos esforços para minimizar este problema, colocando ênfase, em actividades com as crianças que motivem antes de mais as famílias a serem protagonistas (observador participante) e não apenas espectadores ou observadores. A intenção é fomentar a presença dos pais em actividades curriculares no Jardim de Infância.

2.4.2-Limitações

A percepção da importância e dos benefícios da cooperação entre o Jardim de Infância e a Família tem vindo a aumentar o interesse por esta temática. É óbvio que estas duas Instituições – Jardim de Infância e Família – são dois pilares da Educação de Infância e, como tal, têm objectivos e preocupações comuns relativamente aos seus educandos, desejando-se que a sua acção seja complementar. No decorrer deste trabalho/estudo encontraram-se algumas limitações, que têm consequências na construção de instrumentos e no processo de trabalho, se impõem tais como: limitações do tempo, o período frequentado pelas crianças coincidem com os empregos das suas famílias, impedindo em muitos casos a sua participação em actividades; limites geográficos da pesquisa, o que impede a generalização das conclusões; falta de recursos e meios a nível da região; escassez de divertimentos para as crianças na região.

Capítulo III: Enquadramento Teórico

3.1-Importância da relação “escola - família”/comunidade

A realidade educacional actual mostra a relação complementar existente entre a Escola e Família enquanto Instituições diferentes, como forma de sustentabilidade. De acordo com o artigo 53º do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a Criança e o Adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa. Este tipo de relação irá permitir a construção de uma sociedade onde a justiça e a dignidade, serão valores que se destacam. Segundo Abreu-Lima citado por Bairrão, (2005:99), “numa sociedade onde a mudança é tão rápida, parecem pois inevitáveis as alterações na forma e na estrutura das famílias, alterações essas que alguns interpretam como sintoma de crise da instituição familiar, [...] nem todas as famílias são capazes de proporcionar aos seus membros a satisfação das necessidades, ou de realizar com sucesso as funções que lhes são atribuídas”. Entre estes relevam-se o que se refere, a emancipação da Mulher que, anteriormente era designada como Mãe a tempo inteiro e hoje é igual no peso do contributo económico das famílias e, em alguns casos, como a única (mães solteiras); motivos financeiros, como a necessidade de trabalharem mais para fazer face às suas responsabilidades e sustentar as suas crianças, o que faz com que fique com menos tempo para dedicar à sua educação e cuidado. Esta breve análise demonstra o fosso existente entre crianças e famílias, a qual tende a progredir com o próprio desenvolvimento da nossa sociedade, devido ao forte e recente aparecimento de problemas com maior gravidade nas crianças (falta de atenção, desmotivação, aprendizagem e insucesso), incapacitando as Instituições, (Jardins de Infância, escolas e outros intervenientes) de darem soluções, eliminar ou atenuar estas questões, minimizando os riscos de obter uma sociedade complicada. “A criança é um ser essencialmente social que pertence à família e à comunidade. A escola que frequenta deve ser o local onde se produz uma unidade de interesses entre a família, comunidade e a instituição escolar” (Oliveira-Formosinho,1998:100). A criança desde que nasce pertence, através da sua família a uma classe social, a uma colectividade local e a diversos agrupamentos. Mas com o crescimento pode tornar-se membro, a título pessoal, de outro grupo do qual a família não faz parte.

“As famílias constituem o elemento fundamental no desenvolvimento de crianças saudáveis, competentes e responsáveis. No entanto, estas famílias – todas as famílias – não podem realizar esta função tão bem como desejavam se não tiverem o apoio de uma comunidade forte, responsável, pois é o apoio da comunidade que fornece os suplementos formais e informais aos recursos da família. Tal como uma criança precisa de cuidados de alimentação, de estimulação e de recursos que os adultos lhe vão providenciando, também os pais – como indivíduos e como adultos que preenchem determinados papéis socialmente valorizados (por exemplo, o de pais, de trabalhadores) – necessitam dos recursos que lhes sejam facultados por uma comum idade responsável para que possam cumprir esses papéis” (Correia & Serrano, 1998:21, citado por, Magalhães, 2007:63).

O ser humano constrói-se em interacção social, sendo este influenciado, ao mesmo tempo que influencia o meio que o rodeia. A criança vai construindo e apercebendo-se do que é certo e errado, dos seus direitos e deveres. “O desenvolvimento pessoal e social assenta na constituição de um ambiente relacional, em que a criança é escutada, o que contribui para o seu bem-estar e auto-estima” (Silva, 1997: 52). A necessidade de construir uma relação entre escola, família e comunidade, deverá ser para planificar, estabelecer compromissos e acordos para que as crianças tenham uma educação de qualidade tanto em casa como na escola. Construindo uma parceria dando apoio ao papel das famílias no desempenho dos seus filhos na escola e à escola o papel na construção de crianças autónomas.

Davies & Silva (1993) citando Lightfoot, (1978:170) referencía que “Se nós reconhecermos que cabe à família o primeiro papel na educação das crianças, então a escola terá de incorporar no currículo os valores e as culturas das famílias e comunidades”. Para algumas crianças, existe a sobreposição entre a sua família, a comunidade escolar e a comunidade educativa. Para outras há descontinuidade geográfica e cultural. Deve a escola ter atenção a estes aspectos, deverá aproveitar e colocar os recursos sociais, educativos da comunidade ao serviço de todas as crianças, de forma a satisfazer as necessidades destas, para que os possam ajudar a desenvolver experiências de vida positivas e promover o seu sucesso pessoal e social. Para tal é necessário as instituições criarem programas e definir objectivos para fomentar o relacionamento com a comunidade. O objectivo é de consciencializar a escola do seu papel na construção dessa parceria, no sentido de considerar a necessidade da família vivenciar reflexões, de lhes permitir a intervenção no meio escolar, fim de que se sintam compreendidos e não acusados, recepcionados e não rejeitados, pela escola. Poderá a

escola fazer a família e comunidade reconhecidos e fortalecidos enquanto parceiros nesta relação. Não omitindo que “[...] a família e a comunidade não podem ser algo que é concebido com o exterior à escola, mas com algo que está dentro da escola, através do aluno” (CNE, 2007:111).

A criança inicia a sua formação pessoal e social na família e no meio que a rodeia, onde a Educação de Infância tem um papel importante, visto que lhe permite interagir com outros adultos e outras crianças, que possivelmente têm valores diferentes dos seus. Assim, constitui um ambiente favorável para a criança aprender e tomar consciência de si e dos outros. “Uma das formas possíveis que podem levar à construção de relações confiantes é o levar a ver-se, a si próprio e aos outros, como membros de uma mesma família: a família da humanidade” (Hohmann & Weikart, 2007:120). Embora estruturalmente diferenciados, os dois contextos família e escola são essenciais à vida das crianças. Deverão criar entre ambos uma “ligação” explícita de vivências e partilhas comuns, onde deverá existir uma complementaridade natural.

3.2-Papel das famílias na participação e envolvimento com o jardim-de-infância

No âmbito das Instituições Sociais, as famílias são os principais responsáveis pelas crianças e também os seus primeiros e fundamentais educadores. É da sua responsabilidade a escolha da educação que pretendem para os seus educandos. Segundo Abreu-Lima citado por Bairrão, 2005:98), “[...] ao longo da história e independentemente do grupo social, étnico ou cultural, a família surge como um contexto que afecta a qualidade de vida do ser humano e o seu desenvolvimento e adaptação”. Podendo dizer-se que o ambiente familiar têm forte influência no desenvolvimento infantil. Considerando que desde que nascem, as crianças vivem numa família que representa o modelo de interacção mais precoce que estabelecem com o mundo, é natural que as crianças estejam profundamente motivadas para imitar os membros da sua família.

“Tanto a família nuclear como a família alargada, o conceito de família engloba, conseqüentemente, não só as situações de paternidade biológica, como as situações resultantes de novos matrimónios, adopções e diferentes arranjos familiares não convencionais. Por isso, a utilização do conceito de família assume uma pertinência qualitativamente diferente ao conceito de pais” (Diogo, 1998:39 - 40).

Consciente das alterações ocorridas na sociedade, em que todos os indicadores apontam para uma mudança nos comportamentos, nas atitudes e nas visões perante a estrutura familiar, é urgente repensar e reequacionar as práticas educativas, no sentido de atender a esta nova realidade. Sendo certo que as crianças passam cada vez mais tempo em frente à televisão, ao computador e a outro tipo de entretenimentos interactivos e de forma individual, e menos tempo com os pais, assistindo-se à desfragmentação da vizinhança, os Jardins de Infância e as Escolas precisam de chamar a si papéis que antes eram tarefa da família, nomeadamente a socialização, a educação cívica e a ocupação de tempos livres.

Por estes motivos, não se pretende que os Jardins de Infância devam assumir os papéis que tradicionalmente eram da família mas que, podem e devem, desempenhar um papel de mediador, como parceiro atento, no processo de desenvolvimento das crianças e jovens, contribuindo para que as famílias não se desliguem das suas responsabilidades. Referindo (Homem, 2002:14, citando Galego, 1993:58), [...] que considera que a participação terá que ser entendida como direito e como condição de cidadania, [...] apresentando-se ela, no actual modelo de sociedade, como um direito fundamental ligado à natureza da educação. A Educação Infância é como refere, (Homem, 2002: 23) “...como o conjunto de serviços e de acções familiares e extra-familiares de atendimento à criança, desde o nascimento até à entrada na escolaridade obrigatória, tendo em vista a prestação de cuidados de guarda, sociais e educativos”. Assim, as famílias são os principais responsáveis pela criança e também os seus primeiros e fundamentais educadores. É da responsabilidade das famílias a escolha da educação que pretendem para os seus filhos. Mas, para que as famílias possam realmente participar, de uma forma activa, na vida das instituições escolares há ainda muito trabalho a realizar, nomeadamente no campo social, com vista a promover essa participação e envolvimento parental. Destacam-se, entre elas, a mudança ao nível das mentalidades, dos padrões de comportamento, das representações sociais acerca dos estabelecimentos de Educação de Infância e da Escola. O papel dos pais ou encarregados de educação é essencial, visto serem estes os primeiros modelos de base e parceiros para a sensibilidade das crianças, influenciam deste modo as crianças pelo seu

comportamento, pelo seu grau de compreensão, pelos seus sentimentos conscientes e pelas suas reacções inconscientes.

“É provável que o interesse dos pais no processo de educação determine a forma segundo a qual as crianças são envolvidas, ou seja, pais mais interessados utilizam melhor os seus recursos pessoais (apoiando os filhos no trabalho escolar), económicos (proporcionando aquisição de material) e sociais, estabelecendo relações de igualdade e cordialidade com os professores dos seus filhos. Parecendo que o envolvimento parental com as escolas, ocorre quando os pais têm um maior envolvimento com os filhos em casa, para que aumentam a sua aprendizagem” (Magalhães, 2007:51).

É pretendido maior consciencialização dos deveres e responsabilidades de todos aqueles que estão envolvidos no processo educativo das crianças, dos adolescentes e dos jovens e os que desempenham o papel social de encarregados de educação, assim como de professores ou de outros membros que pertencem à escola e à comunidade.

O Jardim de Infância constitui o primeiro ambiente formal com o qual as crianças contactam e do qual recebem influências, logo a seguir à Instituição Familiar, ele irá, de certeza, influenciar a maneira de ser das crianças e dos pais. “ Na medida em que, nos contextos de pré-escolaridade, os adultos partilham o controlo com as crianças, permitem-lhes, quer que interajam em formatos que lhes são familiares, que aprendam novas formas de interacção a partir de outras crianças e adultos” (Hohmann & Weikart, 2007:104). É também, um espaço de convivência e de experiências a vários níveis que deve ser partilhado com os pais. Os pais ao colocarem as suas crianças no Jardim de Infância, não significa que prescindam da sua responsabilidade educativa. Actualmente, o envolvimento directo dos pais na educação das crianças é considerado, em todos os programas de qualidade, como elemento primordial ao seu bom desenvolvimento.

“As características da escola, a política escolar ou o clima da escola, podem facilitar ou dificultar o envolvimento parental e conseqüentemente, constituírem uma influência positiva ou negativa no desenvolvimento das crianças. Mas também é importante que os pais não se demitam de ser pais em presença de outras instituições. Por isso, os pais são também importantes por outra razão [...] presencia-se agora um reconhecimento crescente das capacidades da família para transmitir valores, produtividade social e criatividade para influenciar as crianças no sentido de serem cada vez mais autónomas e independentes ” (Magalhães, 2007; 52).

Nos estabelecimentos de Educação de Infância foi criada a distinção entre a componente lectiva e de apoio à família (Lei nº5/97, 10 de Fevereiro). Esta reestruturação permitiu reconhecer a Educação de Infância como unidade fundamental do desenvolvimento de uma sociedade educativa, envolvendo e responsabilizando

crianças, pais, educadores e outros agentes de acção educativa, bem como toda a comunidade em geral. Segundo Abreu-Lima citado por Bairrão, (2005; 98-99),

“(...) a família é um sistema que muda continuamente em resposta às necessidades dos seus membros e às pressões da sociedade. Assim, a família é também uma Instituição social que depende e se orienta pelas regras do contexto sociocultural envolvente. A estrutura da família varia com as diferentes culturas e também como é sabido, com o tempo histórico e com a conjuntura sócio - económica e política”.

Reconhecendo a família como o primeiro agente de socialização da criança e como os seus primeiros e principais educadores e, que de acordo com a Lei-Quadro da Educação Pré-escolar, compete à instituição “complementar a acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação”, importa que os pais participem e acompanhem as experiências tendo em conta esse envolvimento na escola. Para Homem, (2002;44) a forma de “participar é interferir” legal ou espontaneamente, clara ou dissimuladamente numa decisão; é ter ou criar uma mais-valia a seu favor [...]. Homem (2002;44) retomando a ideia de Pinhal, (1995), refere ainda que “...a participação será largamente facilitada se, para além da existência de uma real vontade política nesse sentido, existir já uma razoável prática de relações entre os interessados”. A consciência da importância e dos benefícios da colaboração entre a escola e a família tem vindo a aumentar o interesse por esta temática nos últimos anos. É óbvio que estas duas Instituições – Escola e Família – são dois pilares da educação da criança e, como tal, têm objectivos e preocupações comuns, desejando-se que a sua acção seja complementar. “O processo de colaboração com os pais e com a comunidade tem efeitos na educação das crianças e, ainda, consequências no desenvolvimento e na aprendizagem dos adultos que desempenham funções na educação” (Silva, 1997: 23). Com efeito, encarregados de educação e ou pais, educadores e outros agentes educativos têm procurado estabelecer elos de ligação entre a escola e a família, ainda que pontualmente e de forma pouco estruturada. No momento em que a Educação de Infância portuguesa iniciou uma nova etapa da sua história, com a definição por parte do Ministério da Educação de Orientações Curriculares para este nível de ensino (Despacho 5220/97 de 4 de Agosto) e o facto da formação de educadores de infância ter passado a ser uma licenciatura (Lei 115/97), e mais recentemente com a formação ao nível de mestrado (D. Lei 43/2007 de 22 Fevereiro) consideramos importante reflectir sobre um dos grandes objectivos consagrados para este nível de ensino como seja o

“incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade”(Lei nº5/97, de 10 de Fevereiro).

“O conceito de participação é mais abrangente e incisivo, abre-se a questões que os outros ignoram e concebe os actores como seres autónomos, mais sociais e racionais, e diferentes entre si, inscrevendo-se, face à problemática geral da ligação escola-família, no referencial ético/ democrático que descreve o nosso posicionamento” (Homem, 2002:50).

O papel das famílias é essencial, dado que estes são ao mesmo tempo os primeiros parceiros para a sensibilidade da criança. As famílias influenciam as crianças pelo seu comportamento, pelo seu grau de compreensão, pelos seus sentimentos conscientes e pelas suas reacções inconscientes. “A educação participada integra as noções de parceria, de partilha de responsabilidades e de participação, tendo como pressuposto de base que o sucesso educativo de todos só é possível com a colaboração de todos” (Diogo, 1998:74). Quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento. Não há uma única maneira correcta de envolver os pais. As escolas devem procurar oferecer um “menu” variado. A intensidade do contacto é importante e deve incluir não só encontros a dois, mas também reuniões gerais e comunicação escrita, através da caderneta escolar (Anna Henderson 1987, citado por Davies & Silva, 1993: 24). Os efeitos positivos do envolvimento dos pais no aproveitamento escolar fazem-se sentir em todos os graus de ensino e grupos sociais.

Diogo (1998:22) refere que apesar de não haver um receituário que prescreva as modalidades de envolvimento dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos seus filhos, existe uma variedade de papéis que estes podem assumir. (Comer, 1988:219, citado por Diogo 1998:22), que o sucesso gera sucesso e confiança, e como resultado disso, estarão eles motivados para participar ainda mais. Quando os pais têm um relacionamento positivo com o pessoal da escola, podem ajudar os filhos a desenvolver uma atitude positiva para com estas pessoas. Ainda (Montadon 1987:27, referido por Diogo:1998), ao caracterizar as relações afectivas entre pais e filhos, diz que nas famílias actuais os pais são, por um lado, impelidos a considerar as relações afectivas com as crianças numa óptica quase profissionalizada, seguindo à letra os conselhos dos pediatras e de outros especialistas da infância e, por outro, são impelidos a encarar tudo o que é instrumental, por exemplo a escolarização, a integração profissional ou o futuro, com a ansiedade típica de um investimento afectivo. Podemos

dizer que as causas dessas mudanças são diversas, as transformações no sistema económico e o aumento do custo de vida, o control dos nascimentos, a preocupação com o futuro dos filhos, a crescente urbanização que originou muitas transformações, tanto nas condições de habitação como nas redes tradicionais de sociabilidade, aumento de divórcios e o número de famílias monoparentais. Tudo isto têm consequências para os pais e em particular para as crianças.

“É claramente evidente que o encorajamento, actividade e interesse dos pais em casa e a sua participação nas escolas e na sala de aula afectam as aquisições, atitudes e aspirações dos alunos e o status socioeconómico da família. Se as famílias enfatizarem o papel da escola, os ganhos dos alunos em desenvolvimento pessoal e académico permitem que as crianças saibam o que fazem e que tal se mantenha ao longo dos anos” (Epstein, 1987: 120 citado por Diogo, 1998: 79).

A todos os intervenientes, cabe o desafio de reflectir sobre este assunto e de não esquecer que, ao participar e envolver-se na educação das crianças enquanto educandos, permite um conhecimento mais aprofundado dos seus papéis e das competências necessárias para as ajudar a crescer de uma forma global e harmoniosa.

3.3- Família um conceito em mudança

A família, como já referimos anteriormente, é espaço onde cada indivíduo principia a integração na sociedade, deste modo a criança inicia o processo de socialização. É no seio familiar que se fazem as transmissões de valores, costumes e tradições, de regras com as quais a criança terá de conviver na sociedade. Uma família sem princípios e ou regras e hierarquias apresenta uma forte probabilidade de formar futuros adultos altamente irresponsáveis e com sérias dificuldades de integração na sociedade comum, onde se pretende a existência de valores como liberdade e respeito. Referindo: (Abreu-Lima, citado por Bairrão,2005:98),

“...a família e os pais em particular desempenham um papel importante na modulação da vida das suas crianças. Assim, afirmar que o ambiente familiar constitui um factor com influência poderosa no desenvolvimento infantil é praticamente um truísmo [...]. O contexto familiar ou “casa” [...] é constituído por uma multiplicidade de factores que se inter-influenciam, desde os pais, a sua história, competência, personalidade as características físicas e espaciais, e variáveis de cariz mais molar tais como aspectos da comunidade próxima e da própria cultura envolvente”.

O conceito de família, do ponto de vista científico, é bastante difícil de definir, a actualidade apresenta muitas modificações sendo observadas como parte de um processo de mudança de valores e crenças referentes aos papéis dos membros familiares. Por este motivo a opinião de diferentes autores é distinta mas complementar em relação a esta Instituição: Diogo (1998;39), refere-se à palavra família como conjunto de adultos que se relacionam de uma forma duradoira e constante com as crianças e jovens. Segundo Magalhães (2007:50), “...a família é vista como um sistema que tem sido afectado por factores externos e internos que vieram alterar o conceito que hoje temos dela”. Referindo ainda Homem (2002: 14) retoma a opinião de Bhering e Siraj-Blatchford, (1996:1), define o tema “pais” no sentido abrangente, incluindo “...não só progenitores biológicos femininos e masculinos, como também os encarregados de educação, os familiares largamente responsáveis, em termos temporais, pelas crianças e, ainda, aqueles que, tendo com estas algum tipo de ligação se constituem como interlucutores prevelijados junto do jardim de infância”. Para Abreu-Lima citado por Bairrão 2005:98, retomando a ideia de Garbarino e Abramiwitz,1992, “...uma família é como uma pequena sociedade, onde há regras, uma linguagem, uma cultura própria, um sistema de governo e uma política externa”. Nesse sentido, cada uma é diferente de todas as outras. Mas existem aspectos em que todas as famílias são iguais. A família tem vindo a sofrer alterações da sociedade que a rodeia, tanto na sua estrutura interna como nas funções que desempenha. Em sentido lato, família compreende pais, filhos, genros, noras, netos, tios e primos; família extensa ou consanguínea; em sentido restrito refere-se apenas ao marido à mulher e aos filhos: família conjugal ou nuclear.

No limiar do século XXI, apesar da variedade de estruturas familiares existentes, as famílias monoparentais e reconstituídas constituem um dos problemas sociais em foco, pois a sua origem é fruto dos divórcios (os quais têm vindo a aumentar) e onde as crianças passam o seu tempo dividido pelos seus pais biológicos e com os “novos pais” que reconstituem a sua vida emocional e afectiva. “A família é um espaço educativo, a instituição educativa mais antiga é também a actual. [...] Mas não basta. Conta a família, mas conta igualmente a experiência global” (Correia, s.d;146, citado por Homem:2002;37). Apontando-se a modernização considerada como uma das principais causas para a rápida ruptura com o modelo de família tradicional. A reconstituição

dessas famílias designada com frequência por “arranjo familiar”, famílias que diferem da família padrão, é cada vez mais frequente. Um exemplo, são as famílias monoparentais, sendo inúmeras as crianças vivendo com pais solteiros ou divorciados. Outro, são os pais que se voltam a casar, cujos filhos convivem ou não com o novo cônjuge do pai ou da mãe, e com os irmãos dessas novas uniões ou de uniões anteriores. Os novos estilos de vida familiar nas sociedades urbanas, com ausência física dos pais durante todo o dia, com a diminuição da rede afectiva fora da família nuclear e com a invasão dos espaços de convívio familiar pelos mass média, os quais têm vindo a substituir a comunicação intra familiar, conduziram neste princípio do séc. XXI, a uma profunda crise de identidade familiar, oferecendo-se a família cada vez menos como referência, organizadora e segura para as crianças e jovens, transferindo para a escola grande parte da tarefa de socialização que era da sua competência. “As necessidades e interesses dos membros das famílias vão mudando e as famílias são afectadas pela sensibilidade que as organizações da comunidade manifestam em relação às suas necessidades” (Magalhães, 2007:67).

A indisponibilidade das famílias para proporcionar um desenvolvimento sócio afectivo e pela crescente quantidade de tempo que a criança passa na escola, são os educadores de infância e professores cada vez mais solicitados a complementar a família neste domínio. “A família é essencial; executa muitas funções para o desenvolvimento saudável dos seus membros e faz a mediação entre a criança e os outros ambientes” (Magalhães, 2007:66). Na tentativa de uma preparação mais eficiente das crianças para uma sociedade bastante exigente, pais e docentes empenham-se em dar-lhes condições para aprenderem a maior quantidade de domínios possível (línguas, informática, etc.), na esperança de os prepararem melhor para enfrentar o mundo do trabalho. A escola e os pais omitem um pormenor de extrema importância, “...de que vale a tecnologia se a mesma não a soubermos usar”, esta expressão tem conotação com a imensa quantidade de bens materiais que a criança usufrui em nada irá contribuir positivamente se não conseguir adquirir determinados valores e juízos de pensamento em relação ao mundo exterior como a motivação, a frustração, gestão de conflitos, a auto-estima adequada, o planeamento, a interacção social. Deste modo se clarifica a elevada importância da responsabilidade das famílias em passar todo o conhecimento para a vivência das crianças na sociedade. Citando Magalhães (2007:50), as mudanças

familiares afectam as crianças e cada modo de constituição familiar tem implicações para a educação. A autora retoma aqui a ideia de Macbeth e Ravn, (1994:4), “...apesar da mudança de precepções sobre o que constitui uma família e sobre o seu papel na educação, há um reconhecimento consensual do impacto que esta tem na aprendizagem dos filhos, em famílias de todos os tipos. Nem todos os pais têm os mesmos recursos para agir de acordo com as expectativas educacionais e não são apenas estas que prespectivam para os seus filhos. A inserção da mulher no mercado de trabalho trouxe mudanças nas famílias contemporâneas, exigindo do homem o desempenho de um novo papel no subsistema familiar, obrigando-o a ser mais activo no papel educacional. No entanto esta alteração surtiu efeitos desejados em muitas famílias, em alguns casos veio agravar a gestão do tempo da criança após permanência nas instituições aumentando assim a sua solidão, comunicação e acompanhamento familiar. Referindo Magalhães (2007: 108) “faz referência ao modelo bioecológico de Bronfenbrenner, atentando que este defende a educação parental com base na necessidade de os pais terem acesso a estratégias que apoiam o desenvolvimento intelectual, social e moral dos filhos”. [...] releva, ainda, citando Couchenour e Chrismam,(2000), que “o desenvolvimento das crianças será maior se os pais puderem ter apoio dos educadores dos seus filhos e se puderem comunicar com eles numa base regular”. Este modelo, permite compreender melhor o desenvolvimento e interacção dos sujeitos perante o mundo que os rodeia. “Numa prespectiva ecológica e sistémica, todos os indivíduos são vistos num processo de desenvolvimento constante e dinâmico, que progressivamente os faz passar para diferentes contextos, reestruturando os contextos onde se inserem” (Serrano & Correia; 2000:21). Em síntese, é de considerar que são as famílias constituem o elemento fundamental no desenvolvimento das crianças, contudo não podem realizar esta função tão bem quanto desejam, devido as grandes alterações que têm vindo a surgir na sociedade. Por isso, necessitam do apoio de uma comunidade forte e responsável, tal como as crianças necessitam de cuidados, protecção e diferentes recursos que lhes são fornecidos pelos adultos. As famílias, como pais e adultos que ocupam determinados papéis na sociedade, necessitam de recursos que lhes sejam facultados por uma comunidade responsável para que possam cumprir os seus papéis.

3.4-Processo de socialização da criança

Como temos vindo a salientar a família é, por natureza, o primeiro contexto de socialização da criança, fornecendo os primeiros modelos de educação, de actuação e de vivências, com os quais vai contactando e tomando progressivamente conhecimento, ao mesmo tempo que assimila e, mais tarde, reproduz. Se na vida intra-uterina, vivia inteiramente dependente da mãe, com o nascimento adquire, autonomia respiratória, mas continua dependente para todas as outras necessidades: alimentação, higiene e outros cuidados, isto faz a criança viver numa autêntica simbiose com a mãe, durante alguns meses. Mas pouco a pouco a criança vai-se individualizando e vai evoluindo. Segundo Hohmann e Weikart, (2007: 64), “desde o início da sua vida as experiências da criança com as pessoas mais significativas que a rodeiam influenciam a maneira como a criança se vê a si própria e, conseqüentemente, a maneira como interage com as pessoas em diferentes situações”.

O desenvolvimento da identidade pessoal da criança progride gradualmente ao longo da sequência de interacções que esta vai experimentando. Os autores anotam, ainda, que “Aprender a confiar e a acreditar no apoio de um grupo de pessoas exteriores ao grupo familiar constitui um importante passo em frente no desenvolvimento da criança”. A criança começa por interiorizar o mundo à sua volta e será este o ponto inicial do processo de socialização. Ao assumir o mundo não quererá dizer que se torne membro passivo do mesmo. Ao interiorizá-lo criará condições para o modificar e até recriar. O mundo dos outros torna-se assim o seu próprio mundo.

“É pela interiorização dos valores e das normas da sociedade através de um processo de integração social e cultural fundado num condicionamento incôscio que os indivíduos se socializam, sendo a sociedade vista como uma entidade relativamente estável, na qual há um consenso sobre papéis sociais” (Pires, 2007:106).

Porém, esta interiorização realizar-se-á através da identificação da criança com os “outros significados”. A criança irá absorver papéis e atitudes de pessoas que lhes são significativas, interioriza-os, tornando-os seus. É através desta identificação, que a criança irá identificar-se a si mesma. A construção do, “ eu” é um processo longo e gradual e prolonga-se por toda a vida e este conceito só se materializa com ajuda de outras pessoas. A socialização irá depender basicamente do conceito de “eu” e exigirá sempre uma experiência grupal. “A socialização das crianças é hoje feita num mundo

em constante transformação. É na família, na escola e na comunidade que ocorrem as primeiras experiências relacionais das crianças com influência decisiva no seu processo de socialização” (Magalhães, 2007:11). Ao saber que durante muitos séculos, a família foi o único agente de socialização da criança, especialmente nas faixas etárias mais baixas. As creches e Jardins de Infância surgiram inicialmente com uma função de guarda – para dar resposta à nuclearização das famílias e à necessidade da mulher ganhar dinheiro fora do lar – onde as famílias entregavam as crianças enquanto trabalhavam. Ainda hoje, a Creche é, de certo modo, vista por este prisma, o Jardim-de-infância adquiriu já o estatuto de componente integrante da escolaridade básica (embora sem carácter obrigatório), começando a ser considerado como imprescindível ao desenvolvimento global e harmonioso da criança. “A socialização da criança é influenciada pelas formas em que a família actualmente se organiza. Frequentemente reconhecida com lugar-comum de habitação e educação das suas crianças” (Macbeth e Ravn, 1994:4 citado por Magalhães,2007:50). É nas famílias, escolas e comunidade que ocorrem as suas primeiras experiências relacionais, que terão grande influência no seu processo de socialização. “O desenvolvimento da criança é portanto, fortemente condicionado pelos dois principais contextos em que esta se desenvolve – a família e a escola” (Diogo, 1998:51).

Como se sabe, ao longo da infância, a criança assimila um grande número de experiências sociais e, é nesta fase que adquire determinados valores de educação, formas de organização, padrões de relação, modalidades de aprendizagem que lhe foram transmitidas pela família e que transporta consigo quando entra para a escola. Se existe uma assimetria enorme entre os valores familiares e os recebidos na escola a probabilidade de surgirem dificuldades de aprendizagem é muito maior do que nos casos em que existe uma coerência entre o que a família e a escola transmitem. Frequentemente o papel da socialização é assumido pelas mães, e mesmo quando os pais se envolvem nos aspectos morais ou éticos de socialização o seu impacto é indirectamente mediado pela identificação e imitação de ambos os pais por parte da criança. Segundo Fontaine, (2000:198), “os pais visam a integração, a adaptação, o ajustamento, dos filhos à sociedade, fazem-no na perspectiva da classe a que pretendem. Por vezes as crianças não aprendem tudo o que lhes é transmitido ou, se aprende, nem sempre incorpora como seu, nem sempre o aceita para si mesma”. Além disso, mesmo

dentro da família, cada filho pode adaptar-se melhor a “tipos” de ensino ou de escolas diferentes. Assim, as crianças que desenvolvem um ciclo de interações positivas têm oportunidades crescentes de evoluírem nas suas capacidades de competências sociais e serem bem aceites pelos seus pares. Por outro lado, as crianças cujas capacidades de interação sejam negativas e inadequadas terão mais dificuldades em se integrarem socialmente, provavelmente serão progressivamente rejeitadas e, conseqüentemente, mais fragilizadas. “[...] Embora seja ainda inegável a importância da família enquanto grupo socializador, outras agências sociais e até mesmo alguns espaços competem com ela, diuturnamente, e vão se tornando demasiado fortes na sociedade actual” (Fontaine, 2000:201). Magalhães (2007:11), menciona que “desde muito cedo, a importância de «abrir portas de ambos os lados», quer no que se refere a contextos educativos quer no que se refere a contextos familiares, é uma forma de assegurar a estabilidade e a continuidade nas relações entre sistemas fundamentais para a socialização das crianças, que deveriam existir desde o principio da vida e prolongarem-se ao longo da infância”.

Podendo ter algumas conseqüências ao distinguir as famílias através de dois tipos de relações com a escola; o primeiro, composto pelas famílias em maior desvantagem económica e com menos recursos escolares, caracteriza-se por uma tática de abstenção ou protecção da sua identidade, estas famílias vivem a história escolar dos filhos com desorientação, incerteza e resignação e com o sentimento de não dominarem nada em relação a ela. O segundo, observável nas famílias mais novas, mais cidadinas, economicamente mais estáveis e com maior qualificação, tentam estabelecer uma aliança com os professores, possuem uma esperança calculada e esforçam-se por continuar em casa uma continuidade com o trabalho da escola. Abreu-Lima citado por Bairrão (2005: 102) refere-se em relação ao ambiente familiar em que a criança está inserida for favorável; este possibilitar a estimulação e experiências cognitivas adequadas à idade, coloca-as em vantagem relativamente a outras crianças que não dispõem de tais experiências. Da mesma forma, um ambiente que proporciona apoio emocional à criança contribui também para promover o seu desenvolvimento, na medida em que o encorajamento e o apoio face aos esforços de aprendizagem da criança poderão ser um factor crítico para que a criança tire o máximo de partido dos materiais e recursos existentes no meio. As famílias da classe média/alta consideram que a família e a escola devem proceder de maneira atingir o mesmo objectivo, como tal devem

desempenhar papéis que se completam e alguns casos, se justapõem. A escola deve preocupar-se com aspectos globais da socialização das crianças e a família tem como responsabilidade colaborar com a escola. Estas famílias esperam que o professor consiga garantir para além de uma boa aprendizagem, uma atenção personalizada que reduza ao mínimo as consequências da massificação escolar.

“Uma análise do contexto de socialização familiar centrada em componentes sociológicos que caracterizam modalidades específicas de prática pedagógica na família, partimos da ideia de que, tal como na escola, a criança esta sujeita em casa a processos de socialização mediante os quais ela não só aprende determinados conhecimentos e determinadas normas de conduta social como também adquire um determinado papel social que irá, em grande parte, determinar a sua resposta/comportamento em diferentes contextos de socialização” (Fontaine, 2000:244).

É neste contexto que a Educação de Infância tem um papel decisivo na importante formação que pode facultar no futuro, mas também no apoio às famílias. “A educação pré-escolar é um contexto de socialização em que muitas aprendizagens decorrem de vivências relacionadas com o alargamento do meio familiar de cada criança, de experiências e de ocasiões de aprendizagem que implicam recursos humanos e materiais diversos” (Silva, 1997:34). Na certeza que a educação de infância tem um papel fundamental, visto que constitui os alicerces de um processo da educação ao longo da vida, compete aos profissionais e adultos em conjunto cooperar nessa formação. Citando Hohmann e Weikart, (2007:108), onde mencionam que as ansiedades das crianças diminuem quando os adultos as saúdam falando-lhe na sua linguagem de origem, quando as crianças encontram semelhanças entre as suas casas e os seus ambientes educativos, quando os adultos se concentram naquilo que as crianças são capazes em vez de se concentrarem naquilo que não conseguem, e quando os adultos estimulam as crianças a observar e a falar de diferenças de forma realista. Numa atmosfera de apoio deste tipo, as crianças podem dar atenção, de forma integral, aos assuntos que surgem, e apreciar a energia e camaradagem daqueles que a rodeiam. Segundo Homem (2002:41-42); Deste modo, “o Jardim de Infância parece ser um espaço educativo privilegiado para a ligação Escola-Família devido, não só à não obrigatoriedade da sua frequência – podendo esta corresponder a uma estratégia educativa da parte dos pais e, como tal, ser impulsionadora e motor dessa ligação –, como também à idade das crianças que o frequentam e, ainda, às suas características estruturais e de funcionamento pedagógico, nomeadamente o mono docência, a ausência

de programas curriculares rígidos de cumprimento obrigatório e a ênfase dada aos aspectos relacionais e afectivos”.

Ocupando a família e a escola uma posição privilegiada, enquanto agente de socialização, desenvolvimento cognitivo, social e afectivo das crianças, mas também de selecção do ambiente de vida que experienciam. Têm estas duas Instituições por dever de cooperação de forma positiva no desenvolvimento socializador das crianças.

3.5-O envolvimento dos educadores/jardim-de-infância com os pais/família

Inúmeros educadores e professores observam com algum receio a participação da família na actividade escolar. Este sentimento é proveniente de diversos factores entre os quais poderemos considerar a extensão dos programas em alguns graus de ensino, o receio de perder o “poder”, o medo da fiscalização, entre outros. No entanto, apesar dos medos que eventualmente possam existir, parece haver um certo consenso e consciencialização, por parte da maioria dos educadores/professores, de que a colaboração entre escolas e Jardins de Infância com as famílias tem de ser cada vez mais uma presença imprescindível, porque é vital para o sucesso educativo.

“ Quando a escola não comunica com os restantes cenários do mundo ecológico da criança, surgem descontinuidades e rupturas que dificultam a integração e o desenvolvimento [...] só uma interacção integrada é capaz de alterar o sistema para níveis de integração superiores” (Marques, 1991:33).

Actualmente nas escolas, Jardins de Infância, encontram-se crianças e jovens pertencentes a várias classes, caracterizando-se precisamente pela heterogeneidade social e cultural dos seus alunos. Perante isto temos de encontrar formas de aceitar a massificação como um salto qualitativo globalmente positivo, mas exige o rever da maneira de estar na escola. Segundo Silva (1997:42), a necessidade de comunicação com os pais ou EEs tem características muito próprias na educação pré-escolar, dada a idade das crianças e alguma dificuldade por parte da sociedade em compreender as finalidades, funções e benefícios educativos da educação pré-escolar. No entanto, apesar das dificuldades que eventualmente possam existir, parece haver um certo consenso e consciencialização por parte da maioria dos educadores e professores, de que a colaboração Escola-Família/Comunidade tem de ser cada vez mais uma presença imprescindível, porque é vital para o sucesso de todo o processo educativo. Ao

sentirem-se directamente implicados nas actividades escolares das suas crianças, os pais, provavelmente, aumentarão as suas expectativas quanto ao percurso escolar dos mesmos e, as expectativas das crianças em relação ao seu próprio percurso também deverão aumentar, o que supostamente levará à obtenção de melhores resultados escolares. “A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (Silva, 1997: 43). A participação dos pais elevará também as expectativas dos educadores. Para estes a presença dos pais nas instituições escolares, será uma manifestação de interesse em relação ao percurso académico dos seus filhos.

“A promoção do sucesso escolar passa, pois, pela criação de estratégias susceptíveis de criar situações de aprendizagem que respeitem os contextos culturais presentes na escola, pelo que será útil e desejável uma “outra” articulação entre os estabelecimentos de ensino e a comunidade em geral e as famílias em particular” (Diogo, 1998: 23).

Ao Jardim de Infância é incumbida a responsabilidade de um bom relacionamento e cooperação com a família, os educadores precisam de conhecer o meio dos seus alunos, o seu universo sócio cultural, para que possam respeitá-los, compreendê-los e possam criar condições positivas para o desenvolvimento e sucesso das crianças. “O educador será tanto mais respeitado quanto mais for capaz de se ajustar a uma sociedade plural e permitir que pais e crianças possam ter acesso às informações de que necessitam sobre o que de relevante acontece no jardim-de-infância”(Magalhães, 2007:105). Ao criar uma boa relação de parceria com as famílias, os educadores poderão partilhar com estas; a conduta dos seus filhos, o seu aproveitamento, trabalhos, relacionamento com outras crianças e adultos, atitudes, valores e regras. Porque os pais detêm um conhecimento sobre as crianças que interessa ser tido em consideração pelos educadores e estes possuem das crianças um conhecimento que também interessa aos pais. “(...) a interacção entre os encarregados de educação e os professores tem por finalidade a socialização da criança, a sua iniciação na vida em sociedade e a preparação do seu futuro” (Diogo, 1998:59).

O educador tem um papel fundamental, não só como educador, mas sim na formação contínua, responsabilidade, gosto pelo trabalho no apoio ao aluno. É um elemento de referência moral, profissional, cultural. É um integrador de conhecimentos

e um promotor de capacidades e comportamentos. “O trabalho do professor pode ser mais fácil e satisfatório se receber a ajuda e cooperação das famílias e os pais assumiram atitudes mais favoráveis face aos professores se cooperarem com eles de uma forma positiva” (Davies 1989: 39-40 citado por Diogo, 1998: 23). Krasnow (1990: 25) citado por Diogo (1998: 23), que é da mesma opinião quando diz que : “[...] o envolvimento parental afecta também os professores. Quando os pais estão completamente envolvidos na vida e nos processos de tomada de decisão escolar, a escola muda”. Conseguir estabelecer uma relação de cooperação entre as partes deverá ser um trabalho diário para o qual devem contribuir os esforços de todos, tendo em conta as possibilidades de cada um. Os educadores/professores ao apelarem para a interacção e colaboração das famílias com as escolas, é importante, porque desta depende, muitas vezes, o sucesso ou insucesso do processo educativo das crianças.

A colaboração com a família, apesar de não substituir os programas de educação, é uma componente fundamental. “As famílias constituem a estrutura social e o elo mais importante na educação dos filhos, cabendo às escolas cooperar com elas” (CNE, 2007:138). Nos Jardins de Infância, as crianças são elementos essenciais, são a matéria-prima e o produto final, é dever da escola e dos educadores trabalhar o comportamento, responsabilidade, orientação de cada aluno. A Educação de Infância permite às crianças viver determinadas experiências e relações que por si só as famílias têm dificuldade em proporcionar. O conceito de professor/educador deve ser assumido como profissional, por todos os promotores, governo, associações, sindicatos e pais. “A perspectiva de um educador tem de incorporar as outras perspectivas. Enquanto profissional, não só deve considerar a sua perspectiva, mas incorporar na sua acção educativa a perspectiva da criança, a perspectiva dos pais e a perspectiva da comunidade” (Oliveira-Formosinho,1998: 84). O educador deve estar bem ciente do seu papel como modelo e deve saber doseá-lo, porque existe sempre o risco do conjunto dos valores que regem um determinado professor serem diferentes dos da sociedade onde a criança está inserida, ou ainda, diferentes daqueles seguidos pelos pais das crianças.

As interações e experiências com as famílias são muito importantes para o desenvolvimento e sucesso das crianças, mais do que a raça, classe social e rendimentos familiares. Quando a escola cria interacções com a família, a maioria dos pais mostra-se interessado, criam mais envolvimento. “A educação participada integra as noções de

parceria, de partilha de responsabilidades e de participação, tendo como pressuposto de base o sucesso educativo de todos só é possível com a colaboração de todos” (Diogo, 1998:74).

Quando existe pouca ou até mesmo ausência de frequência dos pais na instituição que os seus filhos frequentam, é gerada a necessidade de estabelecer ligações de comunicação, necessário também conhecer e aproveitar os saberes mútuos, valorizando e respeitando as diferenças que existem como a cultura. Montandon, (1987:38), citado por Diogo (1998:71) que apresenta alguns tipos de atitudes que a escola assume face às exigências dos pais ou encarregados de educação. Referindo que os pais/EEs são considerados “clientes” que nada conhecem de pedagogia ou de gestão, e por consequência é importante informá-los. Uma outra atitude atribui-lhes a denominação de “fiadores” a quem se recorre para se obter um feedback, uma informação retroactiva. Noutro ponto de vista também são considerados um “grupo de pressão”, que na perspectiva dos educadores/professores, os coloca frequentemente numa posição de adversários. São ainda, considerados como “parceiros”, em que se pretendem tornar profissionais do ensino ou de gestão. A escola tem de promover a relação com as famílias de forma positiva, desenvolvendo acções em conjunto com as famílias e não para elas. Respeitando culturas e diferentes identidades, privilegiando a participação familiar, considerando as suas necessidades, valores, práticas educativas, próprias de cada família.

“É certo que a escola e o jardim-de-infância comunicam com a família e comunidade. Mas é entre comunicação e parceria que se faz a diferença. Acreditamos que a disponibilidade para os outros é a essência de uma dinâmica que caracteriza a diferença entre aqueles que adoptam um modelo de colaboração comunicativo com um trabalho válido e aqueles que adoptam um modelo de colaboração participativo e se entregam sem reservas” (Magalhães, 2007:79).

Considerando que, não é possível definir uma regra clara e rígida que se aplica a todos os casos. Seguramente, este é um dos principais desafios com que um educador se depara. O melhor é tentar fazer compreender as famílias de determinados valores, aproveitando situações do dia-a-dia, de uma forma natural e com exemplos que elas entendam e estejam envolvidas, como por exemplo, realizar tarefas em grupo para fomentar o espírito de ajuda chamando a atenção para a vantagem da inter-ajuda. Segundo Fontao,(1998:167-184), citado por Magalhães, (2007:123), “existem muitas

formas de organização, participação e envolvimento dos pais no jardim-de-infância: a modalidade tutorial, a modalidade colaborativa e a modalidade co-participativa”. (idem;idem).”A modalidade tutorial, utilizada pelo modelo de transmissão de conhecimentos, considera que o jardim deve delegar as suas funções no educador. Trata-se de um tipo de modalidade que não admite a existência de envolvimento dos educadores com os pais/família”. A modalidade colaborativa, utiliza o modelo de comunicação e defende que é à instituição que cabe a formação dos alunos e que compete orientar de que forma os pais devem colaborar. “Trata-se de uma modalidade que admite diferentes níveis de envolvimento e participação dos pais nas actividades educativas” (Magalhães, 2007:124). A modalidade co-participativa inclui o binómio pais/educadores e implica um envolvimento de pais e educadores mais intenso. Com excepção da primeira, todos os educadores, de forma geral, perspectivam a participação e envolvimento dos pais nas actividades pedagógicas que desenvolvem. Todavia que existem diferenças no nível de envolvimento que cada perspectiva admite, facto que depende do processo de desenvolvimento do educador enquanto docente e da sua história pessoal e profissional.

“ Para compreender as práticas, crenças e atitudes das famílias das crianças que servimos, precisamos saber quem somos e aquilo que influencia a nossa percepção das outras famílias” (Hohmann & Weikart, 2007:110).

Um dos maiores desafios que se levantam a um educador/professor é como transmitir um determinado conjunto de valores, para que as crianças os aprendam correctamente. Valores ou procedimentos que são claros para os adultos, poderão não ser tão claros para as crianças (visto que elas se encontram em estádios de desenvolvimento cognitivos inferiores), as crianças podem não se encontrar num estádio de desenvolvimento que lhes permita compreender o que lhes está a tentar transmitir. “O educador ao providenciar fronteiras adequadas e estruturas fiáveis ajuda a crianças a fomentar o seu potencial, tanto em trabalho cooperativo, como a realizar as suas próprias opções” (Pires, 2007:142).

Resumindo, talvez a forma mais adequada de transmitir conjuntos de valores às crianças seja tentar que a escola seja um espelho do que a sociedade é (ou deveria ser) tendo em atenção, que a sociedade tem muitas vicissitudes e injustiças, que não se podem esconder, mas que se deverão utilizar para transmitir os valores mais

adequados. Segundo Comer (1988: 219), citado por Diogo (1998: 25-39),” onde declara que trabalhar cuidadosamente com os pais até termos a certeza de que os primeiros projectos são bem sucedidos”. O sucesso traz o sucesso e a auto-confiança e, como resultado, os pais ficam motivados para praticarem ainda mais. Quando os pais têm uma relação positiva com os professores, eles podem ajudar os filhos a terem um comportamento correcto na escola. A chave do envolvimento dos pais reside numa boa comunicação. As regras devem ser claras, não se pede aos pais que se tornem professores nem aos professores que assumam o papel de pais. Ambos têm papéis específicos, mas o desempenho desses papéis é absolutamente necessário para a construção de um programa educativo escolar de qualidade.

O educador/professor deverá ser um modelo para as crianças tal como as diferentes autoridades deveriam ser modelos da sociedade actual (o que muitas vezes não é verdade), encontrar o equilíbrio entre a função de leccionar e passar conhecimento, com a função de ser uma referência/modelo de valores para as crianças. Magalhães (2007:95) menciona; é uma educação em que as crianças se tornem pessoas, em que os pais tenham um nome, em que o jardim-de-infância tenha uma comunidade da qual possa usufruir e os educadores se surpreendam todos os dias com as horas que não se sentem passar. O que se pretende é uma educação que deixe de ser indiferente. Não é fácil, mas pensamos que um educador/professor não o é totalmente, se não o tentar fazer. Quanto maior for o ajustamento do processo ensino aprendizagem às características individuais das crianças, maiores serão as probabilidades de sucesso. Nas relações recíprocas educador/professor com as crianças, o processo de comunicação assume o papel deveras relevante. Ocupando a empatia um lugar importante nas relações criadas entre educador/professor com pais e crianças. “ O educador, ao dar conhecimento e aos outros membros da comunidade do processo e produtos realizados pelas crianças a partir das suas contribuições, favorece um clima de comunicação, de troca e procura de saberes entre crianças e adultos” (Silva, 1997:45). O educador/professor deve conhecer-se, conhecer as crianças com quem trabalha e as respectivas famílias, criar relações positivas com estes. Ainda que seja mais fácil manter estas relações com pessoas que possuam experiências e visões semelhantes às suas, é essencial que os adultos dos contextos do pré-escolar e todos os

níveis de ensino se esforcem por se relacionar de forma aberta e honesta com todas as crianças e com todas as famílias destas.

3.6- Importância da Educação pré-escolar no meio rural

O pré-escolar é o local onde as crianças interagem, adquirem novos conhecimentos e também um meio de desenvolvimento cognitivo, onde começam a adaptar-se a novos materiais e desenvolvem com maior facilidade a linguagem. No pré-escolar as crianças estabelecem novas relações, existe a “separação” dos pais, começam a adquirir maior autonomia e independência, começando assim a criar a sua própria personalidade. Em meios com fraca densidade populacional, designados por tradição como meios rurais (aldeias), este nível de ensino (pré-escolar) constitui uma importância com elevado grau de relevância para as crianças, pois assume um papel fulcral no seu desenvolvimento e até mesmo ocupação, devido à inexistência de condições que contribuem para o seu saudável crescimento, o que tal não acontece nos meios urbanos, justificando-se assim a extrema importância deste nível de ensino nestes meios.

“A educação pré-escolar foi apontada como um possível local de insucesso escolar precoce que algumas crianças aprendem que não são tão capazes como as outras. Conclusões da investigação sociológica demonstraram, também, que o insucesso escolar recai maioritariamente em crianças de meios populares, cuja cultura familiar está mais distante da cultura escolar” (Figueiredo, 2001:10).

A educação pré-escolar destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade, visando o desenvolvimento integral da criança e tem como características próprias que a distingue dos outros níveis de ensino. Enquanto acto educativo baseia-se em experiências significativas as quais se desenvolvem num ambiente estimulante, acolhedor e favorecedor das aprendizagens. Frequentemente, dada a idade das crianças que frequentam o pré-escolar, o seu primeiro contacto com o mundo social mais alargado que o ambiente familiar é no Jardim de Infância, assim a educação pré-escolar não é um “depósito de crianças”, onde estas ficam para que os pais possam ir trabalhar, nem também, onde opera um gestor (educador de infância). O pré-escolar tem um papel muito importante no desenvolvimento das crianças, é o início da formação da criança, onde ela vai ter o primeiro contacto com o processo de aprendizagem, que será a base para todos os anos de escola que ela terá no futuro.

“ Não se pretende que a educação pré-escolar se organize em função de uma preparação para a escolaridade obrigatória, mas que se perspetive no sentido da educação ao longo da vida, devendo, contudo, a criança ter condições para abordar com sucesso a etapa seguinte” (Silva, 1997: 17).

A educação pré-escolar tem características gerais que a distinguem dos outros níveis de escolaridade com orientações curriculares, ela privilegia a aprendizagem em relação ao ensino, seguida de projectos e rotinas, não existe uma avaliação quantitativa, mas sim pode existir uma avaliação qualitativa e a aprendizagem deve ser activa. Segundo Silva (1997: 93), é importante que a educação pré-escolar garanta as condições de futuras aprendizagens com sucesso, não se pretende que se centre na preparação da escolaridade obrigatória, mas que garanta às crianças um contacto com a cultura e os instrumentos que lhes vão ser úteis para continuar a aprender ao longo da vida. Na educação pré-escolar não se usa o termo “ensino”, mas educação; não se dão aulas, mas sim organizam-se actividades; não têm uma turma de alunos, mas sim um grupo de crianças. Organiza-se o ambiente educativo que deverá ser motivador e facilitador de das experiências que permitem a aprendizagem e adequado à população que frequenta o pré-escolar, a organização do ambiente educativo deverá ter em conta diferentes níveis em que a criança se encontra e principalmente ao meio (localização geográfica) que se situa.

É importante que a educação pré-escolar não se preocupe com a alfabetização das crianças, mas sim em estimular as crianças para a participação de actividades em grupo ou individual onde se procura alcançar uma determinada autonomia, estimular o pensamento e só depois então o estímulo para a passagem de outro nível de ensino. Segundo Oliveira-Formosinho (1998:11), “...se é considerado importante que as crianças de cinco, quatro e três anos frequentem a educação de infância é porque, nela e através dela, se desenvolvem competências e destrezas, se aprendem normas e valores, se promovem atitudes úteis para o futuro aluno do ensino básico, secundário e superior e úteis para o futuro cidadão”. O Jardim de Infância, é denominado como instituição com responsabilidade acrescida no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças e introdução na sociedade como futuros adultos que irão triunfar ou fracassar consoante as escolhas. “A educação pré-escolar cria condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, na medida em que promove a sua auto-estima e auto-confiança e desenvolve competências que permitem que cada criança reconheça as suas

possibilidades” (Silva, 1997: 18). É importante que o pré-escolar, de modo especial o educador, que está directamente ligado às crianças, esteja preparado para ouvi-las, deixando claro que não têm função única de transmitir conhecimentos, mas sim formar lugares onde se encontram pessoas que escutam e interferem quando necessário. “As crianças atribuem aos adultos uma grande valorização do papel da instituição de educação infantil enquanto transmissora de conhecimentos” (Oliveira-Formosinho; 2008:87). A visão da educação ainda se traduz em formar profissionais, intelectuais e não em formar para a plenitude da vida humana. A formação do homem não se resume em ser preparado apenas para o mundo das letras, números e fórmulas. O que na realidade permanece é a sua visão de vida, a sua postura diante dos acontecimentos, sejam eles do âmbito profissional ou não. Referindo Figueiredo (2001: 10), não se pretende que a educação pré-escolar se organize em função de uma preparação para a escolaridade obrigatória, mas que se perspective no sentido da educação ao longo da vida, devendo, contudo, a criança ter condições para abordar com sucesso a etapa seguinte.

Citando Oliveira-Formosinho (2008:70), que nos diz, se queremos contribuir para o desenvolvimento cívico de cidadãos participativos desde os anos da infância, temos de providenciar experiências onde as crianças se sintam participantes. Os profissionais de educação pré-escolar devem criar condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, na medida em que promovem a sua auto-estima e auto-confiança e desenvolvem competências que permitem que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos.

Capítulo IV: Parte Experimental

4- Opções Metodológicas

4.1- Perspectivação Metodológica

O presente trabalho de investigação foi realizado no Centro Social M. Martins situado Aldeia de Ligares concelho de Freixo de Espada à Cinta. Neste estudo, foca-se a pesquisa na relação que existe entre as famílias e o Jardim de Infância, com crianças de idade compreendida entre os 3 e os 6 anos. Para tal houve uma recolha exaustiva de fotografias durante todo o ano lectivo, realizaram-se entrevistas aos Pais e encarregados de educação no mês de Fevereiro. Fez-se observação diária com o grupo de crianças e família e proporcionaram-se regularmente actividades que envolviam directa ou indirectamente as partes.

Ao longo da recolha de informação procurou-se destacar a importância da consciencialização da relação Escola/Família. Pensando na necessidade de transformação, apresenta-se o relatório que incidirá em duas vertentes fundamentais. Em primeiro lugar, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, em livros mais significativos sobre o tema em estudo e, através da qual, procurou-se sustentar o estudo empírico, visando compreender o tipo de relação de parceria entre o estabelecimento de educação de infância e as famílias, bem como as consequências que estas relações podem eventualmente produzir na formação pessoal e social das crianças. Em seguida, realizou-se um estudo recorrendo a uma pesquisa qualitativa, passando pela recolha de dados, tendo em conta as observações directas que se realizam sobre o comportamento das crianças, bem como das informações sobre as famílias e comunidade. Posteriormente, para a obtenção de uma informação mais clara e precisa recorreu-se, às observações directas, recolha fotográfica, a realização de entrevistas aos pais ou encarregados de educação conforme Anexos C - (Guião de entrevistas Pais ou Encarregados de Educação, página 90), análise de entrevistas, pesquisa bibliográfica e Legislação, serão também dados que se procuram explorar para o desenvolvimento do estudo.

A estratégia de recolha e tratamento da informação é uma fase muito importante para a realização de um estudo comparativo, entre a investigação (teoria) e a investigação empírica (prática). Pela pertinência e importância, o momento de implementação de uma estratégia de recolha e tratamento da informação deve ser feito tendo em consideração a existência de um leque variado de métodos e técnicas de investigação no âmbito das ciências sociais. Este relatório consiste num estudo de investigação subordinado ao tema Relação Escola/Família, qual a influência dos pais/sociedade no desenvolvimento e educação das crianças, que se realizou no Jardim de Infância da Instituição do Centro Social Monsenhor Martins de Ligares.

Na investigação que se desenvolveu foram utilizadas algumas técnicas de pesquisa bibliográfica; observação directa e participante; registo fotográfico e entrevistas. A recolha de informação com o suporte na pesquisa bibliográfica efectuou-se através da consulta de diferentes manuais com base no tema relação Escola-Família, tendo em conta as diferentes opiniões dos autores. A técnica de observação directa e participante foi realizada ao longo do ano lectivo em diferentes momentos com as crianças (grupo sala) e com as famílias durante as actividades em que cooperaram dentro da Instituição e fora desta. “ Fala-se de observação participante quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado” (Estrela, 1994:31). Os registos fotográficos foram feitos esporadicamente ao longo nas actividades realizadas com as crianças e família, durante o desfile, actividades na sala onde participaram Mães, visitas à Instituição dos Pais, trabalhos realizados no exterior, exposição de trabalhos das crianças e dos Pais. A técnica escolhida, por excelência, é a entrevista, técnica não documental que pressupõe uma observação não participante, “[...] os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e interacção humana [...]. Ao contrário do inquérito por questionário, os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca directividade por parte daquele” (Quivy,1998:191). A recolha de informação, com base nas entrevistas, foi elaborada tendo em conta quatro aspectos específicos de análise, todos eles interligados. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada, de perguntas abertas, dirigida aos pais e encarregados de educação das crianças que frequentam a sala do pré-escolar, “Guião de Entrevista” (Anexo C - página 90), onde a entrevista foi dividida em grandes blocos

(quatro), aos quais correspondem determinados objectivos. (Estrela, 1994). O primeiro bloco (A) do guião, refere-se à construção da entrevista, designada por Legitimação da entrevista e motivação, onde se justifica a entrevista e motiva os entrevistados, ou seja, os pais das crianças do Jardim de Infância do Centro Social M. J. Martins de Ligares. O segundo bloco (B) aborda concepções sobre o Jardim-de-Infância, dando ênfase à opinião dos pais sobre o Jardim-de-Infância. O terceiro bloco (C), visa saber qual o conhecimento por parte dos pais de regras e responsabilidades do e no Jardim-de-Infância. Em último, bloco (D), são analisadas questões relacionadas sobre a relação Jardim de Infância/ Família e qual é o tipo de relação que existe entre estas duas valências. “Em investigação qualitativa [...] a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, 134).

Neste capítulo do relatório de investigação, é dada especial atenção à análise e compreensão da informação obtida pelas entrevistas, observação directa às crianças e às famílias. Posteriormente e no momento da implementação do projecto de investigação-acção apresentam-se diversas actividades desenvolvidas na instituição tais como, incentivar os pais e comunidade acompanhar as crianças nas actividades que decorrerem na Instituição e fora desta; construção de cartazes sobre “A minha Família”; familiar das crianças que foram a Instituição contar histórias e realizar diferentes actividades com as crianças; construir um livro de histórias e lengalengas com ajuda das famílias; construir o que é “A minha Família” com as fotos de quem a criança gosta; organizar com a família actividades extra-escola; actividades em colaboração com a família e comunidade; dramatização de uma história realizada e representada pelas crianças para a família e comunidade; trabalhar com os pais e comunidade próxima; organizar uma exposição de trabalhos feitos pelas crianças e família.

4.2- Investigação-Acção

De uma forma sintética a expressão Investigação-acção é o aprender fazendo, ou seja, o investigador tem conhecimento e capacidade dos problemas no meio e instaurar planos de acção para sua resolução.

O método de investigação do presente relatório é qualitativo contudo também de certa forma hipotético - dedutivo, baseia-se na observação directa, entrevista e recursos a documentos. Parte de um processo baseado na experiência, prática diária, novos conhecimentos, na qual o investigador se envolve activamente na causa da investigação e procura encontrar soluções para os entraves ou problemas que surgem.

Relacionado com o tema central Escola-família, a investigação teve como objectivo primordial a Mudança, da participação das famílias das crianças da sala do pré-escolar do Jardim de Infância do Centro Social M. Martins de Ligares.

A Investigação-acção, foi usada como uma modalidade de investigação qualitativa, não é entendida pelos tradicionalistas como “verdadeira” investigação, uma vez que está ao serviço de uma causa. Segundo opinião de diferentes autores, “[...]a investigação-acção consiste na recolha de informações sistemáticas com objectivo de promover mudanças sociais” (Bogdan & Biklen;1994:292). E porque é “[...] um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve activamente” (id:293). Sendo o grande objectivo da investigação-acção promover a mudança e progresso, estando associada a participação de outros membros sem ser só o investigador. Esteves (2008:18) citando Elliott (1991:69) define a investigação-acção como o estudo de uma situação social no sentido de melhorar a qualidade da acção que nela decorre. [...] (James McKernan 1998:5 , citado por Esteves; 2008:20) que diz que investigação-acção é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática, cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Segundo Silva e Pinto (1999: 266), expressam o que distingue a modalidade de investigação-acção, da investigação tradicionalmente codificada pelos textos de metodologia. “É a circunstância de ser desencadeada por alguém que tem necessidade de informações/conhecimento de uma situação/problema a fim de agir sobre ela e dar-lhe solução”.

A metodologia de Investigação-acção implica planear, actuar, observar e reflectir mais cuidadosamente do que aquilo que se faz no dia-a-dia, é o elemento principal para a recolha e tratamento do relatório de investigação. O investigador deve criar condições à análise do problema em estudo, desde inicio, estimulando a participação dos intervenientes envolvidos no processo de investigação.

Segundo Hébert (2005:144 e 145), as técnicas de metodologia qualitativas privilegiam: como modo de inquérito por entrevista que pode ser orientada para temas específicos, de forma estruturada, livre, centrada, informal. Outra técnica é de observação participante ou observação directa e sistemática. A terceira técnica é análise documental: análise de conteúdos, uma técnica que tem função de complementaridade na investigação qualitativa.

A Investigação-acção deve estar definida por um plano de investigação e um plano de acção, tudo isto suportado por um conjunto de métodos e regras. São as chamadas fases neste processo metodológico.

Fases da Investigação-acção,

1. Identificação, avaliação e formulação do problema.
2. Discussão preliminar e negociação entre os parceiros envolvidos.
3. Revisão da literatura na área de investigação.
4. Revisão da formulação inicial do problema.
5. Selecção de procedimentos de investigação – amostras, instrumentos, etc.
6. Selecção dos procedimentos de avaliação.
7. Implementação do projecto.
8. Interpretação dos dados recolhidos.

“Como este tipo de investigação implica a mudança e o desenvolvimento social, obriga ao envolvimento dos diferentes elementos da comunidade visados na investigação. Por um lado, os dados recolhidos permitem maior consciência do problema, por outro é suficiente motivador para que os diferentes indivíduos participem na investigação-acção” (Bogdan & Biklen, 1994).

O relatório de investigação realça a relação e cooperação entre a escola e a família, como uma necessidade para a educação e crescimento das crianças, em suma pretendeu-se dar ênfase a estes aspectos como forma de formar crianças com mais e melhor capacidade de aprendizagem.

Capítulo V: Apresentação, análise e discussão dos dados

5.1- Caracterização dos sujeitos envolvidos no estudo

Participaram neste estudo o grupo de crianças que frequentava o Jardim de Infância, no ano lectivo 2009-2010, e respectivos pais/encarregados de educação.

Trata-se de um grupo reduzido de crianças, sendo de considerar que a aldeia tem vindo a sofrer um decréscimo da população ao longo dos últimos anos, para o que tem contribuído o crescente êxodo rural e o baixo índice de natalidade, com tendência a comprometer o funcionamento da instituição. Todas as crianças são naturais e residentes na aldeia, ou seja em contexto rural.

A principal fonte de rendimento do agregado familiar é a agricultura e este caracteriza-se por um baixo nível de formação. Encontramos pais reservados, com grande dificuldade em comunicarem com os elementos da Instituição. A inquirição por entrevista aos pais envolveu apenas um dos elementos do agregado familiar, num total de seis sujeitos. Era nosso objectivo averiguar quais as percepções dos pais sobre a sua participação no Jardim de Infância.

No caso específico deste relatório, realizaram-se entrevistas a 6 dos 8 Pais das crianças que frequentavam a sala do pré-escolar do Centro Social M. Martins no ano lectivo 2009/2010, dois desses Pais não colaboraram, um encontra-se ausente e outro não se disponibilizou a participar.

5.2- Análise e discussão das entrevistas realizadas aos pais e ou encarregados de educação

No sentido de averiguar as percepções dos pais sobre a sua participação no Jardim de Infância, foram colocados 9 questões (anexo C – Guião das entrevista, página 90), assim, a opção tomada de imediato foi a elaboração da apresentação e discussão dos resultados das mesmas.

1ª Questão - Qual a sua opinião sobre o Jardim de Infância que o seu filho frequenta?

Relativamente a esta questão, a totalidade dos pais entrevistados manifestou uma

opinião positiva sobre o Jardim de Infância que os seus filhos frequentam. Relevaram, neste sentido, a importância que reveste a sua frequência é importante não só para as crianças, mas também para os seus familiares. Enunciando alguns o motivo das suas respostas: (P1) “*Dá muito jeito quando vou trabalhar; é bom para as crianças e para os pais...*”, (P2) “*É muito bom e útil.*”

2ª Questão - Está informado sobre os assuntos do Jardim-de-Infância? É informação compreensível?

Informação sobre os assuntos do Jardim-de-Infância?	Respostas Dos Pais
Sim	5
Alguma	1

Tabela 3 - Informação sobre os assuntos do Jardim-de-Infância?

Pelas respostas verifica-se que maioria dos pais entrevistados estão informados sobre os assuntos do Jardim de Infância, apenas um refere que não se encontra a par de toda a informação. A maioria dos pais a informação acessível, referindo alguns deles que estão informados em relação; (P3) “*Horários, alimentação, saídas, em caso de doença, informações para casa...*”. Conclui-se assim que a maioria dos entrevistados está informado sobre os assuntos.

3ª Questão - Costuma participar nas iniciativas promovidas pelo Jardim-de-Infância? Quais são essas iniciativas?

Participação nas iniciativas promovidas pelo Jardim-de-Infância?	Respostas Dos Pais
Sim	5
Não	1

Tabela 4 - Participação nas iniciativas promovidas pelo Jardim-de-Infância?

Relativamente a esta questão a maioria dos pais respondeu que participam nas iniciativas promovidas pelo Jardim de Infância proferindo alguns ainda; (P4) “*assisto as festas, quando têm de levar alguma coisa de casa*”. A maioria dos entrevistados considera que participa nas actividades que o Jardim de Infância promove ao longo do ano. Um Pai referiu que o seu horário não é compatível para ir ao Jardim de Infância.

4ª Questão - Está informado sobre as regras do Jardim-de-Infância que é necessário serem respeitadas? Concorda com essas regras?

Quanto às respostas a esta pergunta, a totalidade dos Pais respondeu que está informado sobre as regras do Jardim de Infância, com as quais todos concordam, assim permite concluir que a comunicação não é uma barreira.

5ª Questão – Participa na construção das regras e do projecto curricular do Jardim-de-Infância que o seu filho frequenta?

Participação dos pais na construção das regras e do projecto curricular do Jardim-de-Infância?	Respostas Dos Pais
Sim	4
Não	2

Tabela 5 – Participação dos pais na construção das regras e do projecto curricular do Jardim-de-Infância?

Através das respostas verifica-se que só quatro dos Pais afirmam que participam e referem; *“Dão opinião; quando a Educadora os questiona sobre algum tema, como actividades, higiene, e podem dar a opinião e concordar ou não.”* Em relação aos restantes Pais responderam que não participam na construção das regras e do projecto curricular. Deste modo a maioria dos Pais/EEs prefere intervir na construção das regras do P.C. como forma de estar a par da educação das suas crianças. Os Pais/EEs que não participam estão informados, contudo confiam esta tarefa apenas à educadora.

6ª Questão – A segurança do seu filho encontra-se garantida no Jardim-de-Infância?

Todos os pais responderam que confiam totalmente na segurança da Instituição. Conclui-se que as famílias das crianças confiam em pleno no Jardim de Infância.

7ª Questão – Qual a sua opinião sobre a Educadora da Sala do seu filho?

Através das respostas, verifica-se a plena confiança das famílias das crianças em relação à sua educadora, a qual mostra ser totalmente positiva. Dando como exemplos opiniões dos Pais/EEs; (P5) *“Gosto dela, interessa-se pelos miúdos”*; (P6) *“é amiga das crianças e dos Pais; (P6) “consegue atingir os seus objectivos com as crianças”*.

8ª Questão – Qual a sua opinião sobre a comunicação que efectua com a Educadora da Sala do seu filho?

Pode verificar-se pelas respostas a esta questão que todos os Pais afirmam ter uma boa comunicação com a educadora da sala dos seus filhos referindo alguns exemplos; (P3) *“Gosto de falar com ela, informa-me de tudo o que se passa com o meu filho e é tudo para o bem dele”*; (P1) *“tenho uma boa comunicação com a educadora, ela é muito acessível com todos os Pais”*. Claramente se observa que os Pais/EEs mostram a facilidade de diálogo existente entre as partes.

9ª Questão – O que acha da participação das Famílias nas actividades do Jardim-de-Infância?

Pelas respostas dadas, verifica-se que a totalidade dos Pais têm uma opinião favorável quanto à participação das famílias no Jardim de Infância, referindo alguns deles; (P5) *“é muito bom para as crianças e para os Pais participarem com os Jardim de Infância; (P1) “é uma mais-valia para as crianças e Pais para poderem conviver uns com os outros”*. Existe motivação por parte dos Pais/EEs para a participação nas actividades do Jardim de Infância.

5.3- Análise e discussão dos resultados da recolha fotográfica

A recolha fotográfica foi realizada ao longo do ano lectivo na Instituição do Centro Social M. Martins de Ligares com as crianças da sala do pré-escolar e as suas Famílias, são registos onde encontramos os Pais/EEs envolvidos em actividades na sala com as crianças, bem como em desfiles, festas, exposições onde estes participaram activamente com os seus educandos. Mães na sala do pré-escolar apresentaram actividades diferentes às crianças, como pintura em telas, histórias e receitas caseiras. Pais começaram a frequentar a Instituição apoiando em pequenas situações, como restauração de alguns materiais, pinturas do exterior, e sementeiras no quintal da Instituição, outros trabalhos que as crianças realizaram em casa com ajuda de Familiares, realização de trabalhos manuais das Famílias e das crianças para a exposição aberta a comunidade.

Ao longo do ano lectivo estas fotografias foram tiradas e tratadas pela educadora de infância da Instituição como forma de mostrar a participação e envolvimento dos Pais/EEs na Instituição. Conforme anexo-D (página 94).

5.4- Síntese da discussão dos resultados e suas implicações

Com o principal objectivo de averiguar a evolução do envolvimento dos Pais/EEs e Comunidade com as crianças da sala do pré-escolar do Jardim de Infância do Centro Social M. Martins de Ligares, denotaram-se algumas alterações positivas,

verificando a presença mais frequente dos Pais/EEs na Instituição, as visitas constantes a sala dos seus filhos, algum tempo com as crianças quando estas lhes mostravam trabalhos e descobertas feitas por elas, a participação de algumas mães nas actividades da sala, como a demonstração de novas actividades e experiências destas, a presença e participação das famílias nas festas, passeios e desfiles. Pinturas de exterior em que os Pais participaram com os seus filhos, exposições de trabalhos das crianças e mães. Acontecimentos que anteriormente não eram frequentes foram aumentando ao longo do ano de forma bastante positiva. Podemos ainda aferir, através das respostas obtidas, que a maioria dos Pais entrevistados conhece o Jardim de Infância que os seus filhos frequentam, gostam da Instituição e da educadora, conhecem as regras da Instituição, estão informados sobre estas e outros temas.

No decorrer das entrevistas, depararam-se situações agradáveis, particularmente com as Mães, mostrando estas desde início bastante interesse em colaborar e participar mais com a Instituição, mas sempre com alguns receios. Tentado a educadora encorajar essas mães para uma maior participação, incentivando-as a mostrarem e partilharem o bom que elas sabem e fazem com a Instituição em particular com o grupo de crianças, o qual elas adeririam e começaram a participar e a colaborar.

Capítulo VI: Desenvolvimento da prática profissional

6.1-Enquadramento Temático

A parte prática profissional deste relatório incide sobre o tema: “relação Escola/Família” e foi realizada no Jardim de Infância do Centro Social M. Martins de Ligares, cuja frequência se encontra reduzido a cinco crianças desde Janeiro de 2010. Nas actividades realizadas durante os últimos meses procurou-se promover a colaboração e interacção das famílias das crianças. O campo da investigação/acção pretende enunciar a importância da relação das famílias com a Instituição em causa, no desenvolvimento e aquisição de competências de crianças em idade pré-escolar, para tal foi solicitada a intervenção dos pais nas actividades, festas, organização de exposições e desfiles.

A escolha do tema do relatório, em função da relação das famílias do grupo de crianças com a Instituição, não foi seleccionada de forma aleatória. Pois trata-se de famílias com algumas carências, que habitam numa zona com fraca densidade populacional, com pouca formação e cultura. Pessoas simples com muitos receios, tudo isto transparece através dos seus filhos, logo é vivido dentro da Instituição em conjunto com os adultos, na sala e entre as crianças. Desde logo, as famílias foram convidadas a interagir com a Instituição, onde a sua intervenção envolveu um esforço acrescido por parte dos profissionais dos Jardins de Infância, de modo atingir a sua cooperação e a “interferência”. Com a acção pretendeu-se desenvolver mais a interacção, criar laços, envolvimento das famílias com a Instituição e profissionais, onde estas possam interagir com os seus filhos, conhecer o seu trabalho, fazerem parte do seu dia-a-dia. “Cooperar é a palavra-chave nas relações pais-escola. Isto implica que realizem, em conjunto com os filhos, actividades específicas que permitam dar continuidade ao que estes vão aprendendo no jardim-de-infância” (Lopes e Silva, 2008:159). Promover a realização de experiências de aprendizagem com ênfase na relação escola-família, foram abordadas as diferentes áreas de conteúdo, dando maior ênfase á área de formação pessoal e social.

Proporcionaram-se situações de aprendizagem diversificadas, recorrendo ao uso de diferentes materiais e técnicas a utilizar em situações concretas como estratégia do progresso da interacção das famílias com a Instituição. As actividades propostas, são

uma pequena da grande variedade que se pode realizar no quotidiano. Já que a verdadeira intervenção é a que se produz de uma forma espontânea, aproveitando qualquer interesse da criança sempre num ambiente estimulante e tranquilo. As experiências de aprendizagem foram estruturadas, tendo em conta o desenvolvimento integral da criança, procurando estabelecer sempre interacção com a família, procurando respeitar os seus interesses e as necessidades do grupo bem como o projecto educativo da Instituição.

Propõe-se com as actividades realizadas na Instituição em interacção com a família, para atingir os seguintes objectivos gerais das actividades: - Incentivar a participação das Famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a Comunidade; - Demonstrar a importância e os benefícios da cooperação entre a escola e a Família no sucesso educativo das crianças -Despertar Educadores e Pais para a importância das relações entre a Escola, Família e Comunidade; - Promover o envolvimento e a colaboração das famílias e comunidade na organização de eventos; - Desenvolver o respeito, colaboração e ajuda entre as famílias, crianças e Instituição; - Potenciar atitudes de partilha, de estar em grupo, com pessoas mais velhas; - Conceber estratégias no sentido de envolver as Famílias/Comunidade na acção educativa; - Estimular as crianças, de maneira interagirem com as famílias; - Promover o envolvimento e participação das famílias nas actividades; - Proporcionar momentos de lazer e diversão, às crianças e famílias; - Fomentar a partilha e a amizade entre crianças, famílias, profissionais da Instituição e comunidade.

6.2- Apresentação e discussão das actividades desenvolvidas

Actividade nº1 – Nós, os Outros e o Mundo

Objectivos – distinguir os diferentes continentes do planeta Terra; adquirir noção espacial desses continentes e as suas características; conceber estratégias no sentido de envolver as Famílias na acção educativa; incentivar a participação activa dos Pais/EEs na vida da Instituição e no processo educativo; promover o envolvimento e participação das famílias nas actividades; proporcionar momentos de lazer e diversão, às crianças e famílias; fomentar a partilha e a amizade entre crianças, famílias, profissionais da Instituição e comunidade; promover o envolvimento e a colaboração

das famílias e comunidade na organização de eventos; desenvolver o respeito, colaboração e ajuda entre as famílias, crianças e Instituição; potenciar atitudes de partilha, de estar em grupo, com pessoas mais velhas; enriquecer o imaginário das crianças; favorecer momentos de prazer em grupo além do Jardim de Infância.

Competências a construir – Conhecer o planeta Terra e identificar os seus continentes; compreender diferenças simples que identificam os continentes; tomar consciência do mundo que o rodeia; estimular a criança interesse pelo tema “Mundo”; incentivar as crianças à descoberta do Mundo; descobrir diferentes meios e culturas que identificam os continentes; promover actividades alusivas ao tema; construir relações em grupo; identificar os objectos apresentados, e referir a sua funcionalidade; Interpretar e tratar a informação retirada da história; reflectir sobre mensagens implícitas na história; envolver as crianças com a música explorando o seu imaginário; manifestar atitudes de cooperação durante as actividades; contribuir para o desenvolvimento cooperativo, solidário e de respeito para com os outros; assumir, compreender e executar as tarefas que lhe são propostas; manifestar atitudes de cooperação durante as actividades; reconhecer os diferentes tipos de materiais apresentados nas actividades, e sua finalidade; participar no desfile e comemorações do Carnaval; vivenciar novas experiências no meio exterior; promover a articulação ente o Jardim de Infância, a família e o meio; por parte da família e do grupo revelar interesse e cooperação nas actividades e desfile; interagir socialmente com a família e comunidade.

Instrumento(s) de recolha de dados utilizado(s) – Observação directa e indirecta das crianças, levantamento e registo escrito das crianças, registo e análise de trabalhos realizados, registo de ocorrências significativas, auto avaliação, registos fotográficos.

Descrição da Actividade /Análise do plano de Acção

1ª Fase : Janeiro de 2010

- Inicialmente a educadora apresentou o globo terrestre e o mapa-mundo às crianças, os quais foram explorados identificando os diferentes continentes. Em conformidade com o grupo ficou ainda definido o tema para o desfile de carnaval. Apresentou-se a história através de PowerPoint “Os meninos de todas as cores”, explorou-se a música: “ Um Mundo Ideal”. As crianças realizaram algumas actividades

de concordância com o tema (imagem1), foram pesquisadas as diferentes raças humanas, formas de língua, vestuários, etc. Através de revistas, jornais, músicas e imagens as crianças recolheram dados para identificarem os diferentes continentes.

- Posteriormente foram convidados os pais a colaborarem na actividade de construir o painel do mundo (imagem 2) com as crianças.

2ª Fase: Fevereiro de 2010

- Após a exploração do tema as crianças reconhecerem os continentes e identificarem muitos dos componentes que os caracterizam, passou-se a preparação do desfile de Carnaval. Foi solicitada ajuda às famílias para participarem no desfile, construção dos fatos e cartaz do “Mundo” (imagem 3).

- Dia 12 de Fevereiro de 2010, realizou-se o desfile de carnaval, alguns dos familiares acompanharam os seus filhos e participaram com eles. (imagens 4 e 5). (As imagens encontram-se no anexo-D, página 94).

Discussão da actividade nº 1: A colaboração e participação das famílias das crianças da sala do pré-escolar superaram as expectativas da educadora, pois o entusiasmo e empenho na elaboração dos painéis, fatos e cartazes tal como a participação no desfile de Carnaval foram claramente excelentes.

Actividade nº2 – Sementeiras

Objectivos – identificar as várias fases as etapas do ciclo de vida das plantas; reconhecer uma mesma acção em diferentes contextos; tomar consciência do contexto temporal das actividades de vários dias; fomentar em casa a continuidade do trabalho realizado na Instituição; conceber estratégias no sentido de envolver as Famílias na acção educativa; fomentar a partilha e a amizade entre crianças, famílias, profissionais da Instituição e comunidade; desenvolver o respeito, colaboração e ajuda entre as famílias, crianças e Instituição.

Competências a construir – Progredir na compreensão do mundo natural; demonstrar compreensão das histórias; reflectir sobre o processo evolutivo de uma planta; interpretar e tratar a informação retirada das histórias reflectir sobre mensagens implícitas nas histórias; revelar maior motricidade fina, através do grafismo e pintura; exprimir a sensibilidade estética através da expressão plástica; verbalizar sentimentos e ideias; ser criativo e imaginativo; as famílias manifestarem atitudes de cooperação

durante as actividades; famílias e crianças participarem activamente na realização da actividade; as famílias e grupo de crianças assumirem tarefas que lhes são atribuídas para a produção das sementeiras.

Instrumento(s) de recolha de dados utilizado(s) – Observação directa e indirecta das crianças, levantamento e registo escrito das crianças, registo e análise de trabalhos realizados, registo de ocorrências significativas, auto avaliação, registos fotográficos.

Descrição da Actividade Análise do plano de Acção

- A educadora apresentou ao grupo de crianças no decorrer da 1ª semana duas histórias; “A Sementeira” e “Ainda Nada” explorou com as crianças o poema “Uma flor Nasceu”(imagens 6 e 7), o ciclo da vida das plantas (imagem 8). As crianças fizeram registos gráficos das histórias, realizaram experiências (imagem 9), construíram árvores e executaram diferentes tipos de flores de papel. Ajustou-se em concordância do grupo que se iria proceder a realização de sementeiras em colaboração com as famílias. As crianças trouxeram de casa sementes diversas e terra, que as famílias forneceram. A educadora entregou vasos simples de plástico às crianças para iniciar a construção das sementeiras individuais, os quais as crianças forraram com pasta de papel e pintaram livremente com tintas de água.

Após reunir a terra e sementes de todas as crianças, passou-se a realização das sementeiras. (imagens 10 e 11), no final da 2ª semana as crianças levaram o seu vaso para casa, onde em conjunto com as suas famílias cuidaram da sua planta. (imagem12). Cerca de 5 semanas depois, as crianças transportaram novamente os vasos das suas casas para a Instituição, que esteve aos seus cuidados e das famílias. Conclui-se assim actividade, todas as crianças regressaram cada uma com o seu vaso, e todos eles tinham plantas nascidas. (imagem 13). (As imagens encontram-se no anexo-D, página 95)

Discussão da actividade nº 2: em conjunto com as crianças, educadora de infância e famílias foi possível realizar a actividade nº2, a ideia fulcral foi a reunião e assimilação de vários conceitos e sua colocação em prática, isto é mostrar as crianças a noção do tempo, crescimento e desenvolvimento para este caso específico o exemplo seguido foram as plantas. Onde as famílias tiveram um papel activo em conjunto com as crianças e a educadora.

Actividade nº3 – Pintura em tela

Foi uma actividade de uma manhã, onde participou a Mãe de uma das crianças do grupo. Actividade consistiu na pintura de telas.

Objectivos – compreender a funcionalidade de diferentes objectos; adquirir e reconhecer vocabulário ligado a um tema; incentivar a participação activa dos pais na vida da Instituição e no processo educativo; promover o envolvimento e participação das famílias nas actividades; proporcionar momentos de lazer e diversão, às crianças; incentivar a participação das famílias no processo educativo; demonstrar a importância e os benefícios da cooperação entre a escola e a Família no sucesso educativo das crianças.

Competências a construir – Manifestar destrezas manipulativas como pegar no pincel e pintar; criar com as crianças momentos de interacção, interagir em grande grupo; exprimir ideias prévias sobre a funcionalidade dos materiais apresentados; desenvolver a capacidade de identificar e relacionar; compreender a função dos diversos materiais; promover a sensibilidade para a pintura; manifestar destrezas manipulativas como cortar, colar e pintar; manifestar atitudes de cooperação em actividades; expressar livremente opiniões relativamente aos materiais apresentados; interagir socialmente respeitando os colegas; vivenciar momentos lúdicos, participando em actividades diversificadas; revelar sensibilidade nas relações com os outros, confraternizando em grande grupo.

Instrumento(s) de recolha de dados utilizado(s) – Observação directa e indirecta das crianças, levantamento e registo escrito das crianças, registo e análise de trabalhos realizados, registo de ocorrências significativas, auto avaliação, registos fotográficos.

Descrição da Actividade Análise do plano de Acção

No dia 28 de Abril, durante a manhã, houve uma surpresa muito agradável, finalmente uma Mãe veio apresentar uma actividade na sala do grupo do pré-escolar. A Mãe, veio mostrar uma nova técnica de pintura em tela, a técnica do guardanapo. Esta começou por apresentar os materiais que trouxe consigo, tintas acrílicas, pincéis, telas e guardanapos decorados (imagem 14). Posteriormente as crianças exploraram os materiais, dos quais alguns eram novidade para elas. Fizeram questões e colocaram

hipóteses sobre a sua utilidade. Depois foi entregue uma tela simples de algodão a cada criança, e elas escolheram a reprodução do guardanapo para a produção da sua pintura na tela. Seguidamente recortaram a imagem do guardanapo, colaram-no na tela e escolheram a cor das tintas que mais lhe agradou e passou-se a pintura directamente na tela, que todas as crianças pintaram com ajuda do adulto. (imagens 15 e 16). Finalmente ao fim de duas horas, as crianças estavam ansiosas pelos resultados dos seus trabalhos. Descobriram-se telas lindas, as crianças ficaram encantadas com as suas pinturas e adoraram a presença da Mãe na sala de actividades. (imagem17). (As imagens encontram-se no anexo-D, página 90).

Discussão da actividade nº3: esta actividade foi bastante inovadora e gratificante, caracterizou-se por ser uma surpresa para as crianças. Logo o seu empenho foi maior. Aprenderam mais uma técnica de pintura, experienciaram novos materiais. O contacto com esta Mãe traduziu-se numa alegria espontânea nesse dia para as crianças. Foi sem dúvida uma actividade muito agradável.

Actividade nº4 – Actividade de culinária

Actividade 4 – Uma actividade de um dia onde tivemos a participação de uma Mãe de uma das crianças do grupo. Foi uma actividade de culinária, onde a Mãe veio ensinar a receita das “bolachas” às crianças.

Objectivos – Proporcionar uma actividade diferente ao grupo de crianças; reconhecer o material da receita; desenvolver o sentido de responsabilidade ao contactar com utensílios novos; fomentar uma boa relação entre os vários agentes educativos: família/equipa da sala/crianças; proporcionar momentos de descoberta e convívio com adultos às crianças; estimular as crianças a falarem sobre o tema; facultar a colaboração da família na realização das actividades; favorecer momentos de prazer em grupo; ampliar o repertório de palavras; capacidade para verbalizar sentimentos e ideias.

Competências a construir – Identificar os diferentes materiais e produtos que fazem parte da receita apresentada; manifestar atenção no decorrer da elaboração da receita; fomentar o raciocínio lógico/ matemático, ao utilizar instrumentos de medida; desenvolver relações de classificação, ordem e seriação entre produtos da receita; utilizar possibilidades de representação matemática para estimular a linguagem e comunicação oral; interagir socialmente respeitando os colegas; vivenciar momentos

lúdicos, participando na actividade; manifestar atitudes de cooperação durante a actividade; revelar sensibilidade nas relações com os outros, confraternizando em grande grupo.

Instrumento(s) de recolha de dados utilizado(s) – Observação directa e indirecta das crianças, registo de ocorrências significativas, auto avaliação, registos fotográficos.

Descrição da Actividade/ Análise do plano de Acção

Tivemos a visita de mais uma Mãe na sala do pré - escolar. A Mãe veio ensinar a fazer “bolachinhas”. Inicialmente as crianças distribuíram-se pelas cadeiras e a Mãe apresentou os ingredientes e utensílios que eram necessários para a confecção das bolachinhas (imagem18). - As crianças tomaram conhecimentos dos ingredientes e utensílios que iriam utilizar, a educadora referiu os cuidados que teriam que ter ao manuseá-los, alguns deles só com a ajuda do adulto é que se poderiam utilizar. As crianças lavaram cuidadosamente as mãos e passaram à separação dos produtos e confecção da receita (imagens 19 e 20). Todas as crianças do grupo participaram na mistura dos produtos, mostrando sempre grande entusiasmo e colaboração, ficando radiante com o resultado final da sua actividade (imagem 21). (As imagens encontram-se no anexo-D página 96).

Discussão da actividade nº 4: as crianças participaram na confecção proposta pela Mãe que se disponibilizou a colaborar com o grupo, aprendendo a manusear novos instrumentos de cozinha, como balança e batedeira. Foi uma experiência nova para as crianças, onde mostraram grande receptividade e mais uma forma de cooperação de relação escola-família.

Actividade nº5 – A Minha Família

A actividade “ A Minha Família” realizou-se entre os dias 12 a 14 de Maio, em concordância com o dia Internacional das Famílias, que se comemora dia 15 de Maio, onde as crianças em conjunto com as suas famílias, elaboraram um painel onde apresentavam a sua família.

Objectivos – Identificar os diferentes membros da família; fortalecer laços entre as crianças e as suas famílias; estimular as crianças a falarem com as suas famílias, de maneira a criar maior interacção entre ambos; fomentar em casa a continuidade do

trabalho realizado na Instituição; facultar a colaboração das famílias na realização da actividade; promover o conhecimento do agregado familiar; criar laços de compreensão e promover a inter-ajuda; conceber estratégias no sentido de envolver as famílias na acção educativa; proporcionar momentos de descoberta e aprendizagem, às crianças e famílias.

Competências a construir – Interpretar e tratar a informação retirada da história; reflectir sobre mensagens implícitas na história; promover actividades alusivas ao tema; revelar interesse e cooperação na realização das actividades; a família deverá revelar sensibilidade e criatividade na construção do cartaz; estimular o imaginário e fantasia das famílias e crianças; por parte da família e do grupo revelar interesse e cooperação nas actividades.

Instrumento(s) de recolha de dados utilizado(s) – Observação directa e indirecta das crianças, levantamento e registo escrito das crianças, registo e análise de trabalhos realizados, registo de ocorrências significativas, auto avaliação, registos fotográficos.

Descrição da Actividade/ Análise do plano de Acção

A educadora começou por abordar o tema “Família” com as crianças do grupo, as quais expuseram as suas opiniões, identificando os seus familiares, o grau de parentesco, os que faziam parte da sua rotina diária e também os elementos que fazem parte da sua família mas não estão presentes no dia-a-dia. Depois foi apresentada a história “ A minha casa”, sendo esta explorada pelas crianças, onde reconheceram algumas das vivências do seu quotidiano. As crianças fizeram o registo gráfico da sua família, dos elementos que são mais importantes para elas (imagem 22). Posteriormente foram apresentadas às crianças folhas formato A3, cada uma com a fotografia de cada criança do grupo ao centro, intitulada “A Minha Família” (imagem23), a educadora explicou qual seria a sua funcionalidade, que consentia em que as crianças levassem para suas casas a folha e em conjunto com os familiares completarem-na, reproduzindo no papel os elementos que completam o agregado familiar de cada uma, através de desenhos ou fotografias de forma livre e criativa. Todas as famílias participaram na construção do trabalho, (imagens 24 e 25), ficando as crianças radiantes, quando apresentaram em grupo as suas folhas e depois colocaram na sala de exposição de todos os trabalhos. (As imagens encontram-se no anexo-D, página 97).

Discussão da actividade nº 5: durante a realização da actividade, as famílias das crianças mostraram grande empenho e colaboração, os quais realizaram com os seus filhos trabalhos surpreendentes, novamente existiu grande motivação nas famílias em cooperar com as crianças e a Instituição.

Actividade nº6 – Dia Mundial da Criança

Objectivo da actividade – Proporcionar às crianças um dia diferente; Envolver crianças e família na celebração do Dia Mundial da Criança; as crianças terem consciência dos seus direitos e deveres; incentivar a participação activa dos pais na vida da Instituição e no processo educativo; criar laços sólidos de compreensão e promover a inter-ajuda; conceber estratégias no sentido de envolver as famílias na acção educativa; promover o envolvimento e participação das famílias nas actividades; desenvolver o respeito, colaboração e ajuda entre as famílias, crianças e Instituição; potenciar atitudes de partilha, de estar em grupo, com pessoas mais velhas; enriquecer o imaginário das crianças; favorecer momentos de prazer em grupo além do Jardim de Infância.

Competências a construir – Interpretar e tratar a informação retirada do poema; Reflectir sobre a mensagem implícita dos direitos da criança; envolver as crianças com a música explorando o seu imaginário; vivenciar momentos lúdicos, participando em actividades diversificadas; revelar sensibilidade nas relações com os outros, confraternizando em grande grupo; vivenciar novas experiências com a família e o meio exterior.

Instrumento(s) de recolha de dados utilizado(s) – Observação directa e indirecta das crianças, levantamento e registo escrito das crianças, registo e análise de trabalhos realizados, registo de ocorrências significativas, auto avaliação, registos fotográficos.

Descrição da Actividade/ Análise do plano de Acção

A educadora começou por informar às crianças que tinham sido convidadas para comemorar dia 1 de Julho, dia Mundial da Criança na Vila de Freixo de Espada à Cinta, onde se reúnem todas as crianças do concelho. Na Instituição foi também comemorado o Dia Mundial da Criança, com a colaboração das famílias das crianças do grupo. Inicialmente a educadora apresentou os direitos das crianças através de um cartaz de forma lúdica, as crianças comentaram os seus direitos, expuseram as suas opiniões a

cerca dos mesmos. Foi ainda explorado o poema “Criança” da autora: Matilde Rosa Araújo, em grupo cantou-se a canção do Dia Mundial da Criança. As crianças registaram livremente as suas opiniões e ideias a cerca dos direitos das crianças e sobre o dia especial que iriam viver, em grande grupo elaboraram um cartaz sobre a sua opinião; “ser Criança” (imagem 26). A educadora com auxílio das crianças preparou pequenas lembranças para estas, no intuito de lembrar o seu dia: “Dia Mundial da Criança” (imagem 27). Em conformidade com o grupo de crianças, ficou acordado que todas as crianças iriam convidar as suas famílias para dia 31 de Maio comemorarem com a Instituição o Dia Mundial da Criança.

Dias 31 de Maio. Crianças e suas famílias pintaram uma das paredes do exterior da Instituição, com imagens alusivas ao dia, cantamos canções e realizaram pequenas actividades. As famílias das crianças aderiram prontamente, mas com um pequeno contra só ao fim da tarde, aquando regressaram dos seus trabalhos. Mas todos juntos, crianças e familiares divertiram-se bastante, criaram finalmente a pintura do exterior que tanto desejavam e de forma divertida (imagens de 28 a 33). (As imagens encontram-se no anexo-D, página 98).

Discussão da actividade nº6: sendo este dia de extrema importância para as crianças, as famílias destas fizeram um grande esforço para marcar presença na Instituição com as suas crianças, apesar de algumas incompatibilidades de horário, o que se traduziu numa enorme sensação de alegria para as suas crianças pelas suas presenças.

Actividade nº7 – Histórias e lengalengas das nossas famílias

Objectivos- Fomentar o gosto pela leitura e escrita; sensibilizar as crianças para a utilidade e necessidade do texto escrito; desenvolver competências da leitura e da escrita; sensibilizar crianças e família para o uso da narrativa; favorecer o respeito pelos livros e sua utilidade; fomentar em casa a continuidade do trabalho realizado na Instituição; conceber estratégias no sentido de envolver as famílias na acção educativa; promover o envolvimento e participação das famílias nas actividades; potenciar atitudes de partilha com pessoas mais velhas; enriquecer o imaginário das crianças; favorecer momentos de prazer em grupo além do Jardim de Infância.

Competências a construir – Interpretar e tratar a informação retirada da história; Criar atitudes de cooperação e participação na elaboração do livro de histórias e lengalengas; enriquecer a área vocabular; explorar a linguagem escrita, percebendo diferentes caracteres; promover a socialização entre o Jardim de Infância e os pais e encarregados de educação; assumir, compreender e executar as tarefas que lhe são propostas; manifestar atitudes de cooperação durante as actividades.

Instrumento(s) de recolha de dados utilizado(s) – Observação directa e indirecta das crianças, levantamento e registo escrito das crianças, registo e análise de trabalhos realizados, registo de ocorrências significativas, auto avaliação, registos fotográficos.

Descrição da Actividade/ Análise do plano de Acção

A actividade da criação do livro de “Historias e lengalengas das nossas famílias” decorreu durante o mês de Abril. A educadora apresentou alguns livros às crianças, livros de diferente utilidade, livros infantis, de actividade, ilustrados, com diferentes texturas e tamanhos. As crianças exploraram os livros em grupo e enunciaram quais gostavam mais, identificaram as texturas, cores, tamanhos, capas. Posteriormente a educadora apresentou às crianças a história: “ A menina que detestava livro”, as crianças fizeram análise da história, expuseram as suas opiniões, em seguida registaram em folhas brancas o que era para elas o livro, depois com esses registos elaboraram um cartaz alusivo ao dia mundial do livro (imagem 34). A educadora forneceu às crianças imagens de forma desordenada, para estas as organizarem de forma livre com o intuito de criarem uma história e construir um pequeno livro. (imagens 35 e 36).

Em grupo a educadora expôs a ideia de construir um livro maior, quando uma das crianças do grupo disse que o seu avô sabia muitas histórias. Logo foi abordada pelas outras crianças que se pronunciaram proferindo que alguns elementos das suas famílias conheciam histórias e lengalengas, surgindo assim a ideia de construir um livro em conjunto com a família de histórias e lengalengas. Aprontou-se um livro simples de folhas brancas, com a capa identificada pelas crianças (imagem 37) que depois de ser comunicado às famílias do grupo de crianças, ficou acordado que este passaria pelas casas de todas as crianças, onde as famílias redigiriam histórias e lengalengas que conheciam e as crianças ilustravam. Finalmente quando o livro regressou à Instituição, vinha completo com todas as folhas preenchidas de histórias e lengalengas. (imagem

38). Em grupo explorou-se o livro, analisou-se o seu conteúdo e só depois as crianças colocaram na sala da exposição de trabalhos onde as pessoas da Instituição, famílias e comunidade puderam observar (imagens 39 e 40). (As imagens encontram-se no anexo-D, página 99).

Discussão da actividade nº 7: esta actividade envolveu uma cooperação enorme por parte das famílias com as suas crianças, no sentido de permitir a realização de um livro onde a família de cada criança deu o seu contributo na recolha de histórias e lengalengas que eram do seu conhecimento, sendo elaborado um livro com o contributo de todas as famílias das crianças. Este serve como bom exemplo para a relação escola-família.

6.2.1- Actividades realizadas ao longo do ano lectivo com as Famílias

No decurso do ano lectivo 2009/2010 as famílias (pais, familiares, encarregados de educação e outros) tiveram uma presença mais activa e frequente na Instituição do Jardim de Infância. A sua colaboração foi bastante notada nas actividades, realizaram visitas com e sem convite por parte da Educadora de Infância, participaram em reuniões, em desfiles, na festa de fim de ano, contaram histórias, contribuíram na ajuda em reparações de objectos danificados na sala, organizaram em conjunto com a Instituição uma feira composta por artesanato visando angariar verbas para o passeio do final do ano (ver imagens anexo-D, página 100). Verifica-se que existiu motivação e empenho por parte das famílias no âmbito do projecto relação escola-família. A Instituição e a Educadora de Infância, no início do projecto, apresentavam dúvidas e determinados receios quanto ao envolvimento directo das famílias, contudo o resultado superou largamente as expectativas. As famílias tiveram uma presença qualitativa e demonstraram uma forte presença na participação de actividades, e em diversos momentos ansiedade pelo aparecimento de novas onde desejavam participar, mostraram bastante preocupação em saber se era necessário contribuir com materiais ou objectos para a elaboração das mesmas. Com estes aspectos revelados mostra-se a relação de dependência na interacção das famílias com o meio onde as crianças frequentam, o qual aumentou exponencialmente.

A relação “escola-família” e concretamente nesta Instituição do Centro Social M. Martins de Ligares, surtiu efeitos bastante positivos, os quais representam mais um dos complementos para o saudável crescimento das crianças. Entendemos poder pensar que o esforço por ambas as partes, famílias e Instituição irá representar, no futuro, externalidades positivas tanto no condicionamento do pensamento das crianças, como na ajuda a um crescimento sustentável.

6.2.2- Análise e discussão dos resultados durante as actividades

De forma abrangente e estabelecendo um elo de paralelismo entre todas as actividades mencionadas anteriormente, as quais realizadas com as famílias e crianças do pré-escolar do Jardim de Infância do Centro Social M. Martins de Ligares e a própria Instituição, atingiram-se resultados que passam pela inovação e melhoria da qualidade das praticas de interacção na relação escola-família. Inicialmente houve a preocupação em sensibilizar as crianças para o envolvimento das famílias com a Instituição, por parte destas foi muito bem aceite, e colaboraram da melhor forma. Tornaram-se bastante responsáveis, e até competitivos, quando tinham de trazer alguma coisa de casa, como plantas, terra, materiais recicláveis e outros. Ao longo do ano lectivo foram realizadas as actividades que envolveram as famílias das crianças, estas eram sempre informadas atempadamente. Com o decorrer do tempo houve uma maior aproximação, já eram na sua maioria as Mães que questionavam a educadora quando se faria uma nova actividade, ou até quando elas poderiam ir fazer algo de novo a sala dos seus filhos. As relações de ambas as partes não foram espontâneas, pelo contrário assentaram numa crescente construção gradual de relação estreita entre a Instituição e as Famílias das crianças.

Paulatinamente, ao longo do ano lectivo a interacção fez surgir laços de complementaridade entre a Instituição e as Famílias das crianças, revelando dependência e forte motivação por parte das Famílias em ansiar pelas próximas actividades para interagirem. O sucesso esteve presente em todas as actividades, bem como na relação escola-família revelando-se assim um trabalho em que as expectativas foram alcançadas.

Em termos de apreciação dos resultados da interacção dos Pais/EEs com a Instituição afirma-se que ao longo do ano lectivo a aproximação foi gradual e crescente, no início tiveram alguma dificuldade em participar, mas após a participação de uma das Mães na sala de actividades do pré-escolar o efeito estendeu-se as restantes famílias, cuja participação gerou enorme motivação e sempre de forma dinâmica.

6.3- Contributos do estudo

A educadora de infância implicada no desenvolvimento deste projecto de intervenção e pesquisa obteve um conhecimento mais aprofundado das suas crianças e suas famílias em determinadas situações como na relação interpessoal, conflitos, estados de espírito e outras condicionantes através da interacção com estes. A reacção das famílias no que concerne ao tema em estudo “relação escola-família” foi boa. Foram criados laços de partilha, cooperação e confiança ou até mesmo uma determinada relação amistosa.

O facto de poder conhecê-los melhor, ter a noção de ser aceite por eles e pelo facto de lhe depositarem total confiança para a educação das suas crianças, gerou um trabalho diferente, com mudanças e motivações, divergentes dos anos lectivos anteriores, em que a relação escola-família era apenas formal. O clima na Instituição em relação as famílias e a sua reciprocidade melhorou pois ambas as partes tiveram hipótese perante as actividades em aprofundar conhecimentos e criar novos laços.

Os objectivos inicialmente propostos com este trabalho foram alcançados, também contribui para o desenvolvimento e integração das crianças, as quais interagiram sempre de forma espontânea na realização das actividades, demonstrando sempre grande interesse em cooperar e interagir. Os resultados obtidos foram bem conseguidos, e importantes para a inovação e progressos na Educação Pré-Escolar.

Sendo esta a forma de trabalhar da educadora, mas estando consciente que outros trabalhariam o mesmo tema de forma diferente e o concluiriam com outro tipo de argumentação e pensamento. O que possivelmente poderia acontecer se voltasse ao início.

Em termos futuros, a educadora irá poder desempenhar um papel diferente, mais qualitativo pois os entraves familiares deixaram de constituir problema na sua prática

profissional. E com a elaboração deste trabalho é esperado continuidade e manutenção e até mesmo desenvolvimento. Constituindo uma grande importância que os Educadores de Infância invistam em Investigação e desenvolvimento (I&D) sobre as suas práticas e sobre as suas realidades profissionais com que se deparam todos no quotidiano da Educação de Infância. Em suma, o estudo que se baseou num relatório, onde a investigação esteve presente como ferramenta fulcral permite aferir em termos futuros nas partes intervenientes, crianças, pais, educadora e a própria Instituição um desenvolvimento maior onde resultados positivos serão agora mais facilmente alcançados. Revela-se o bom exemplo de interacção pais e o Jardim de Infância, onde entraves, limitações e ou problemas tomam dimensões e proporções cada vez menores e em muitos casos a sua inexistência devido a terem sido ultrapassadas inúmeras barreiras na relação Escola-Família.

Considerações Finais

As famílias desempenham um papel essencial na vida das crianças, fornecendo um vasto conjunto de valores, princípios e regras, passando por transmissão de valores éticos e morais como a educação como forma de preparação de futuros adultos responsáveis.

É no Jardim de Infância que resulta o primeiro contacto educativo com as crianças e com os seus Encarregados de educação, iniciando uma experiência diferente para ambas, a qual é complementar entre todos os elementos que fazem parte do processo educativo, educadores, famílias, crianças e comunidade educativa, acarretando benefícios e limitações ou mesmo problemas. Perante este elo de ligação o sucesso na aprendizagem educacional só é possível com a colaboração de todos os intervenientes. Justificando a extrema importância da relação “escola-família”, perante esta situação o Educador de Infância deverá manter um papel bastante activo para que resulte um nível de cooperação elevado entre ambas as instituições, não deixando porém como primeira instância ou preocupação todas as características que possam afectar o normal desenvolvimento das crianças. As próprias famílias são a principal condicionante para elas.

O relatório, visou aferir e incentivar a participação dos pais das crianças que frequentam o pré-escolar, este integrado numa Instituição Particular de Solidariedade

Social, do Centro Social Monsenhor Martins de Ligares, cujo âmbito foi conhecer, como se realizava essa participação, as estratégias dos diferentes sistemas que nela cooperam, bem como factores de natureza organizacional que a facilitam ou inibem. Permitindo conhecer as vantagens comparativas e as limitações. Considerando a realização desta investigação muito interessante e pertinente, a qual permitiu o alargamento de horizontes em relação à temática da relação escola-família, apesar das dificuldades que surgiram, o efeito desejado foi alcançado.

A sua elaboração permitiu obter uma percepção mais real e ampla das necessidades, carências, problemas que as famílias destas crianças têm. E os quais o Educador de Infância se depara no exercício da sua profissão. Só a participar activamente no contexto, e interagindo directamente com as crianças e a comunidade, se consegue vivenciar um conjunto de experiências que permite alargar a nossa visão pessoal e profissional.

O tema do relatório foi seleccionado propositadamente, devido à pobre relação que as famílias das crianças mantinham com a instituição, a qual parecia inexistente em determinados momentos e insuficiente em ocasiões mais especiais (épocas festivas), justificando esta forma de actuação pela complexidade das famílias (dificuldades financeiras, famílias monoparentais, ou bastante distante por razões laborais). Desta realidade, consta-se que a prática por si só não é suficiente, é preciso uma articulação com a teoria (elaborar actividades em conjunto com as famílias tendo por base determinados modelos teóricos).

Foi a consequência desta fraca relação entre as famílias das crianças e a Instituição que conduziu a esta investigação, que ajudou a compreender a realidade educativa que se apresentava em relação a participação das famílias das crianças que frequentam o pré-escolar da Instituição. Facilmente se concluiu que a realidade evidenciada pelo quotidiano do Instituição e das famílias não apresentam uma relação estreita, mas sim composta por poucas interacções e participações, de ambas as partes.

O tema relação escola – família abordado ao longo do relatório, foi sustentado com a opinião de diferentes autores, os quais tem diferentes opiniões, embora convergentes, defendendo que esta relação de cooperação entre estas Instituições levara ao crescimento e desenvolvimento da criança de forma harmoniosa.

Durante todo o processo de recolha de informação, que se caracterizou pela recolha de entrevistas, fotografias e onde a investigação-acção esteve presente (observador participante) e de forma empírica, a metodologia utilizada foi cruzada, inerente para elaboração deste relatório o qual permitiu uma forte mudança nas mentalidades das famílias, pois devido à sua interacção surtiram efeitos positivos e qualitativos nas crianças, que passam por um maior empenho no Jardim de Infância e determinados entraves ou barreiras desaparecem.

Os dados recolhidos através de entrevistas, observações directas, conversas casuais e registos, possibilitaram responder às questões que foram inicialmente formuladas, assim como discutir face ao contexto das respostas obtidas. Permitiram assim analisar a fraca envolvência das famílias com a Instituição, que no início do ano lectivo se verificava na instituição em que foi desenvolvido este projecto.

Foi necessário fazer diferentes tipos de abordagens com as famílias, convidar insistentemente à instituição, criar novas estratégias de interacção, no fundo obter uma plena participação.

Uma das implicações educativas mais importante para a interacção entre estas instituições: Família e Jardim de Infância residiram no envolvimento das famílias, educadora, crianças e comunidade envolvente do Centro Social M. Martins de Ligares, em actividades organizadas, na partilha de ideias, problemas e colaborar em novos desafios, citando como bons exemplos a presença em actividades na sala, festas da Instituição e desfiles.

Mostra-se assim ser evidente que a educação deve ser uma responsabilidade partilhada: família, educadores e Instituições em que deve ser possível definir um conjunto de direitos e deveres respeitante a todos os intervenientes.

Na abertura do Jardim de Infância as famílias possibilitaram à Educadora um envolvimento melhor e com o decorrer do ano lectivo tornou-se progressivo, passando estas a serem um elemento imprescindível no processo educativo das crianças.

Foi um estudo que facultou bastante informação, sobre as famílias das crianças, das suas necessidades e receios, onde posteriormente surgiram novas ideias, interacções e participações com a Instituição, facilitando a prática profissional perante as famílias das crianças, dado que o seu grau de abertura e compreensão se encontra diferente.

Surgiu uma mudança positiva no pensamento e na visão das famílias em relação à Instituição.

A relação “escola-família” e concretamente nesta Instituição, surtiu efeitos bastante positivos, os quais representam mais um dos complementos para o saudável crescimento das crianças. O esforço por ambas as partes, famílias e Instituição irá representar no futuro externalidades positivas tanto no condicionamento do pensamento das crianças, como na ajuda a um crescimento sustentável.

Bibliografia

- Bairrão, J. (coord.). (2005). *Desenvolvimento: Contextos Familiares e Educativos*. Porto: Livpsic.
- Benavente, Ana (1992). *As Ciências da Educação e a Inovação das Práticas Educativas. Decisões nas Políticas e Práticas Educativas*. Porto: SPCE.
- Bertram, T.; Pascal, C. (1999). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias: nove estudos de caso*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boulch, Jean. (1992). *O desenvolvimento psicomotor do nascimento até aos 6 anos*. Porto Alegre: Artes Medicas. (7ª Edição).
- Carvalho, A.D.(1991). *Ciências da Educação: um Novo Olhar Epistemológico*. Ciências Educação em Portugal: situação actual e perspectiva: SPCE.
- Conselho Nacional da Educação (2007). *Educação e Família [Seminário e Colóquios]*. Lisboa: CNE/Ministério da Educação.
- Davies, D. Marques, R. & Silva, P. (1993). *Os professores e as Famílias. A colaboração Possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Diogo, J. (1998). *Parceria Escola-Família: A caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora.
- Esteves, L. M. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, Albano (1994), *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora. (4ª edição).
- Figueiredo, M. A. R. (2001). *Projecto Curricular no Jardim de Infância*. Lisboa: Bola de Neve.
- Fontaine, A. M. (coord). (2000). *Parceria Família-Escola e Desenvolvimento da Criança*. Porto: Edições Asa.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gomes, J.F. (1986). (2ª edição). *A Educação Infantil em Portugal*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.

- Gomes, J.F; Fernandes, R.; Grácio, R. (1988). *História da Educação em Portugal*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Hébert, M. Lessard; Goyette, Gabriel & Boutin, Gérald. (2005). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade. (2ª edição).
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2007). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (4ª edição).
- Homem, L. M. (2002). *O Jardim de Infância e a família – As fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, Ciências da Educação.
- Katz, L. & Chard, S. (1989). *A abordagem do projecto na educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de educação.
- Lopes, J.; Helena, S. Silva. (2008). *Métodos de Aprendizagem Cooperativa para o Jardim-de-Infância*. Perafita: Areal Editores.
- Magalhães, G. (2007). *Modelo de Colaboração Jardim – de – Infância/Família*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos/128.
- Marques, R. (1991). *A Escola e os Pais como Colaborar?*. Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (1994). *Colaboração Família-Escola – estudo de caso*. In Inovação. Vol.7 nº 3. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Ministério da Educação (2002). *Organização da Componente de Apoio à Família*. Lisboa: Departamento da Educação Básica Núcleo de Educação Pré-Escolar.
- Nova Presença. (1997). *Enciclopédia de Educação Infantil: Recursos Para o Desenvolvimento do Currículo Escolar* (Volume: I, II, III, IV, V, VI). Rio de Mouro: Nova Presença, Lda.
- Oliveira-Formosinho, J. (Org.) (1998). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (Org.) (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (Org.) (2009). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias: Estudos de caso*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Phyllis J. Mcwilliam; Pamela J. Winton; Elisabeth R. Crais. (2003). *Estratégias Práticas para a Intervenção Precoce Centrada na Família*. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora.

- Pires, C. M. (2007). *Educador de Infância – Teorias e Práticas*. Porto: Profidições.
- Queiroz, J.M. (org.). (1991). *Les Families et l'école in Singly La Famille l'état des savoirs*. Paris: Ed. Le Découverte.
- Quivy, R. & Campenhoudt L.V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Edições Gradiva.
- Serrano, A. M. & Correia, L.M. (2000). *Intervenção precoce centrada na família: uma perspectiva ecológica de atendimento*. Porto: Porto Editora.
- Silva, M. (1997). *Orientações para a Educação Pré - Escolar*. Departamento da Educação Básica. Lisboa: Ministério da Educação/Núcleo de Educação Pré – Escolar.
- Silva, I. (1997). *Legislação*. Lisboa: Ministério da Educação/Núcleo de Educação Pré escolar.
- Silva, I. (2002). *Qualidade e Projecto na educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Núcleo de Educação Pré-escolar.
- Silva, A. S. & Pinto, J. Madureira. (orgs.). (1999). 10ª edição. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Spodek, B. (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Sites consultados:

- <http://www.guiadafamilia.com/guiadospequenos/tema.php?id=10376>
- <http://br.monografias.com/trabalhos3/integracao-escola-familia/integracao-escola-familia.shtml>
- <http://maiseducaodeinfancia.blogspot.com/>
- <http://www.amdourosuperior.pt>

Legislação consultada:

Lei de Bases do Sistema Educativo Português, (1986)

Lei - Quadro da Educação pré-escolar, (1997)

Decreto-lei nº 372/90 de 27 de Novembro

Despacho 5220/97 formação de educadores passar a licenciatura (lei 115/97)

Estatuto da Criança e Adolescente, (1990).

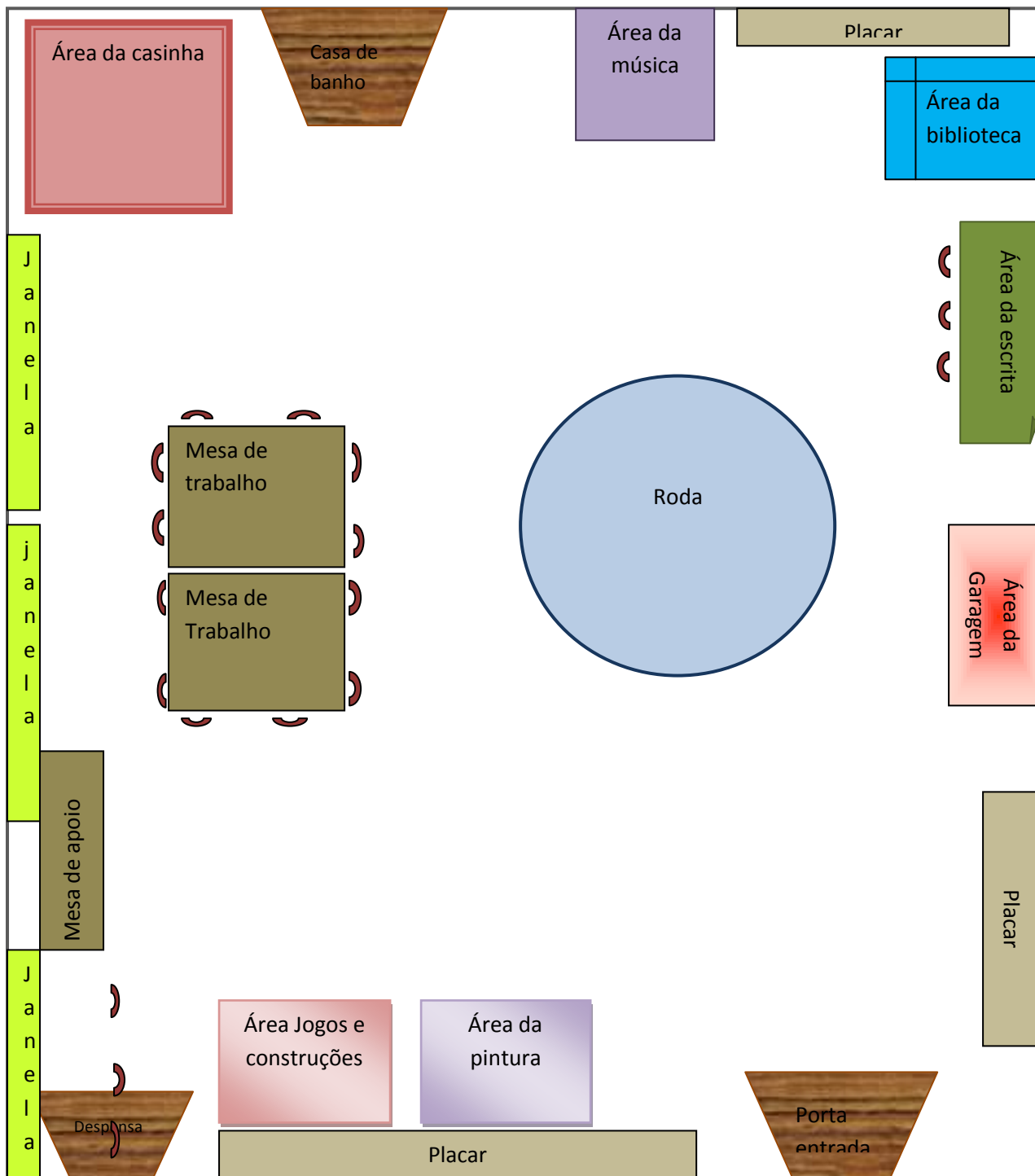
Anexos

Anexo A

Perfil de Implementação do Programa (PIP)

Ficha de resultados do - Perfil de Implementação do Programa (PIP)				
I-AMBIENTE FISICO	Pontuações (1-5)	T-1	T-2	T-3
1-Sala dividida em áreas de trabalho bem definidas				
2-Espaço de trabalho adequado em cada área				
3-Sala segura e bem conservada				
4-Materiais etiquetados				
5-Materiais adequados para várias crianças				
6-Variedade de materiais reais à disposição				
7-Materiais acessíveis às crianças				
8- Equipamento de grandes músculos a disposição				
9-Materiais que desenvolvem consciência de diferenças				
10-Materiais que promovem o desenvolvimento em todas as áreas.				
II-ROTINA DIÁRIA				
11-Adultos implementam rotina diária consistente				
12-Variedade de estratégias de planificação usadas				
13-Equilíbrio de actividades de grande e pequeno grupo				
14-As crianças concretizam as suas ideias em actividades organizadas pelo adulto				
III- INTERAÇÃO ADULTO-CRIANÇA				
15-Os adultos observam, perguntam, repetem e desenvolvem a linguagem				
16-Os adultos participam nas brincadeiras das crianças				
17-Conversa adulto – criança é equilibrada e natural				
18-Os adultos encorajam jogos com linguagem falada/escrita				
19-Os adultos encorajam resolução de problemas e independência				
20-Os adultos encorajam a cooperação entre as crianças				
21-Os adultos mantêm limites razoáveis				
22-Os adultos mantêm-se atentos a toda a sala de aula				

Anexo B - Planta da sala



Anexo C - Guião de entrevistas

Tema: Escola/Família

(A influência dos Pais/Sociedade no desenvolvimento e educação das Crianças)

Problema: Em que medida o envolvimento da família/comunidade com a escola é fundamental para o desenvolvimento integral e harmonioso da criança e promove o sucesso educativo?

Entrevistados: Pais e Encarregados de Educação.

Objectivo Geral: Recolha de informação sobre as percepções dos pais sobre a interacção família – jardim de infância.

Blocos		Objectivos Específicos	Atitudes Preparatórias	Tópicos	Observações
A	Legitimação da entrevista e motivação	Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados	<p>1- Informar do nosso trabalho e investigação.</p> <p>2- Pedir a ajuda aos entrevistados, pois o seu contributo é imprescindível para o êxito do trabalho.</p> <p>3- Colocar os entrevistados na situação de membros da equipa de investigação, embora com estatuto especial.</p> <p>4- Assegurar o carácter confidencial das informações prestadas.</p>	<p>Explicar que se pretende investigar qual é o envolvimento das famílias com a escola, e se este promove o sucesso educativo.</p> <p>Pedir a colaboração dos entrevistados para este trabalho.</p> <p>Garantir a confidencialidade da entrevista e o seu uso exclusivo para a realização do trabalho.</p>	Entrevista semi-estruturada, de perguntas abertas, permitindo a livre expressão dos entrevistados.

Entrevista aos Pais ou Encarregados de Educação

Blocos	Objectivos Específicos	Formulário de perguntas	Tópicos	Observações
B	<p>Concepções sobre o Jardim-de-Infância.</p> <p>Conceptualizar algumas ideias sobre o Jardim-de-Infância.</p>	<p>1- Qual a sua opinião sobre o Jardim-de-Infância que o seu filho frequenta?</p> <p>2- Está informado sobre os assuntos do Jardim-de-Infância? É informação compreensível?</p> <p>3- Costuma participar nas iniciativas promovidas pelo Jardim-de-Infância?</p>	<p>2. (No caso de dizer sim) referir alguma dessa informação.</p> <p>3-(Se responder sim): Quais são essas iniciativas?</p>	

C	<p>Conhecime nto por parte dos Pais de Regras e Responsabi lidades do e no Jardim-de-Infância.</p>	<p>Conhecer as Regras e Responsabilid ades, quer dos Pais, quer do Jardim-de-Infância.</p>	<p>4-Está informado sobre as regras do Jardim-de-Infância que é necessário serem respeitadas?</p> <p>5-Participa na construção das regras e do projecto curricular do Jardim-de-Infância que o seu filho frequenta?</p> <p>6- A segurança do seu filho encontra-se garantida no Jardim-de-Infância?</p>	<p>4-(Se responder sim): Concorda com essas regras?</p> <p>5-Cite algumas dessas regras?</p>	
D	<p>Conhecime nto sobre a relação Jardim de Infância/ Família.</p>	<p>Identificar qual é o tipo de relação que existe entre o Jardim de Infância e a Família.</p>	<p>7-Qual a sua opinião sobre a Educadora da Sala do seu filho?</p> <p>8- Qual a sua opinião sobre a comunicação que efectua com a Educadora da Sala</p>		

			do seu filho?		
			9- O que acha da participação das Famílias nas actividades do Jardim-de-Infância?		

Anexo D – Fotografias

Actividade nº1 – “ Nós, os Outros e o Mundo”



Imagem 1- Actividade relacionada com o tema



Imagem 2- Pintura do mundo



Imagem 3 – Pintura “Mundo”



Imagem 4- Desfile de Carnaval



Imagem 5- Desfile de Carnaval

Actividade nº2 – “Sementeiras”

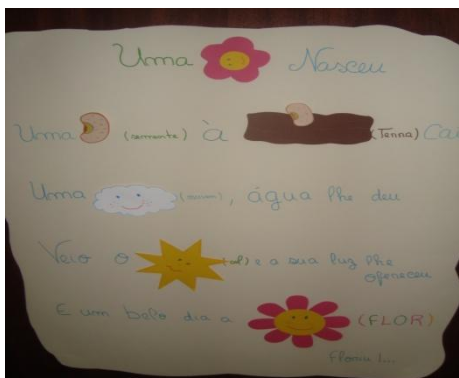


Imagem 6- Poema “Uma Flor Nasceu”



Imagem 7- História “Sementeira”



Imagem 8- Ciclo da vida das plantas



Imagem 9- Experiência com feijões



Imagem 10- Pintura dos vasos das sementeiras



Imagem 11- Realização das sementeiras



Imagem 12- Crianças a transportarem os vasos das sementeiras para as suas casas



Imagem 13- Resultados das sementeiras

Actividade nº3 – “Pintura em tela”



Imagem 14- Apresentação dos materiais



Imagem 15- Pintura das telas



Imagem 16- Pintura das telas



Imagem 17- Resultado final da actividade

Actividade nº4 – “ Actividade de culinária”



Imagem 18- Apresentação dos materiais



Imagem 19- Exploração do material



Imagem 20- Confeccção da receita



Imagem 21- Confeccção da receita



Imagem 22- Resultado da actividade

Actividade nº5 – “ A Minha Família”



Imagem 23- Registos gráficos das Famílias

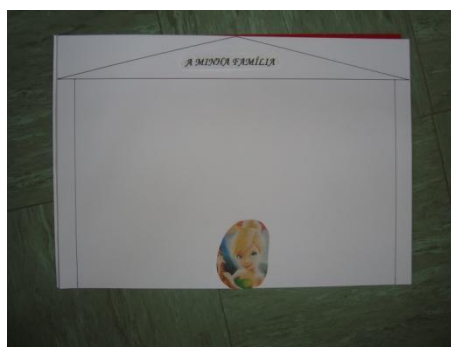


Imagem 24- Folha para a realização do trabalho das crianças com as famílias



Imagem 25- Exemplo de um dos trabalhos das crianças realizado com a Família



Imagem 26- Resultado dos trabalhos realizados com as Famílias

Actividade nº6 – Dia Mundial da Criança



Imagem 27- Cartaz elaborado pelas crianças



Imagem 28- Lembranças alusivas ao D.M.C



Imagem 29



Imagem 30



Imagem 31



Imagem 32



Imagem 33



Imagem 34

Legenda das imagens 29,30,31,32,33 e 34 – Pintura alusiva ao Dia Mundial da Criança, das crianças e Famílias destas, de uma das paredes do exterior.

Actividade nº7 – “Histórias e lenga-lengas das nossas famílias”



Imagem 35- Registo “ O Livro”



Imagem 36 – Construção de uma historia feita pelas crianças através de imagens sequenciadas



Imagem 37- Resultado de uma história construída pelas crianças

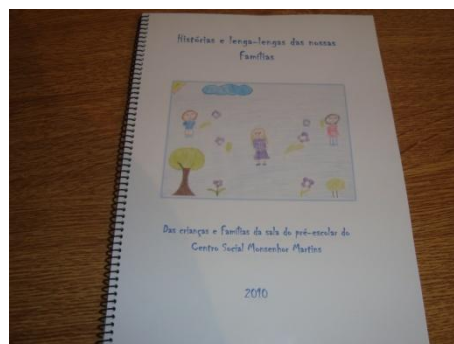


Imagem 38- Livro elaborado pelas crianças e famílias

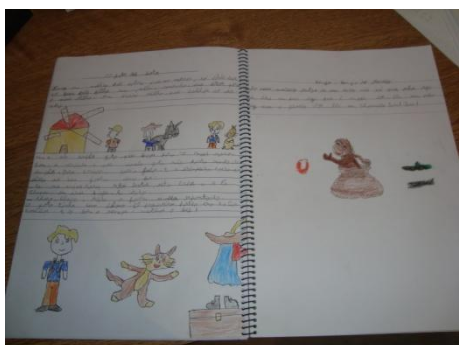


Imagem 39- Interior do Livro

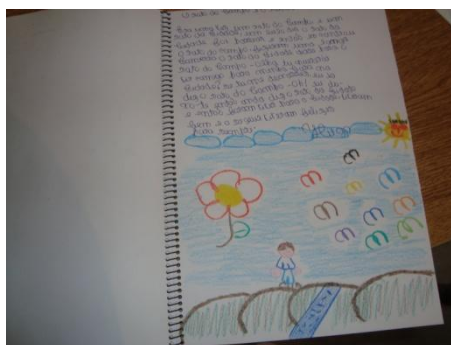


Imagem 40- Interior do Livro

Actividade realizadas ao longo do ano com a colaboração da Família



Imagem 40 - Festa do dia da Mãe



Imagem 41 – Pai que consertou o cavalete da sala



Imagem 42-Avó que foi contar histórias



Imagem 43- Santos Populares com a comunidade



Imagem 44- Visita ao Lar da terceira



Imagem 45- Actividades com os Idosos do Idade



Imagem 46 e 47- Exposição de trabalhos realizados pelas famílias e equipa da instituição.

Índice Geral

Agradecimentos.....	a
Resumo.....	b
Abstract.....	c
Índice geral.....	i
Índice de Quadros	iv
Índice de Tabelas.....	v
Índice de Gráficos.....	vi
Índice de Anexos.....	vii
Siglas e Abreviaturas.....	viii
Introdução.....	1
Capítulo I: Contextualização da Prática Profissional.....	5
1 - Caracterização do Contexto Institucional	5
1.1- Contexto Local.....	5
1.1.1-Localização geográfica.....	5
1.1.2- Caracterização da população.....	6
1.2- Caracterização da Instituição.....	6
1.2.1-Espaço exterior.....	7
1.3- Caracterização do espaço/sala.....	9
1.3.1- Organização do tempo.....	12
1.4- Organização do ambiente educativo.....	14

1.4.1-Equipa técnica.....	14
1.4.2-Estrutura organizativa (organigrama).....	15
1.5 - Caracterização do grupo de crianças.....	16
1.6- Caracterização sócio-cultural e profissional das famílias.....	20
1.6.1-Níveis literário dos pais e encarregados de educação.....	21
1.6.2-Habilitação literárias dos pais e encarregados de educação.	22
1.6.3- Relações com os pais e com outros parceiros educativos.....	22
Capítulo II: Contextualização do estudo.....	25
2.1-Conceptualização do problema.....	25
2.2-Objectivos.....	27
2.3-Questões de Pesquisa.....	27
2.4-Importância do estudo.....	28
2.4.1-Motivo da escolha do tema.....	28
2.4.2-Limitações	29
Capítulo III: Enquadramento Teórico.....	30
3.1-Importância da relação “escola - família” /comunidade	30
3.2-Papel das famílias na participação e envolvimento com jardim-de-infância.....	32
3.3- O conceito de família em mudança.....	37
3.4-Processo de socialização da criança.....	41
3.5-O envolvimento dos educadores/jardim-de-infância com os pais/família.....	45
3.6- Importância da Educação pré-escolar no meio rural.....	51
Capítulo IV: Parte Experimental.....	54
4- Opções Metodológicas.....	54

4.1- Perspectivação Metodológica.....	54
4.2- Investigação-Acção.....	56
Capítulo V: Apresentação, análise e discussão dos dados.....	59
5.1- Caracterização dos sujeitos envolvidos no estudo.....	59
5.2- Análise e discussão das entrevistas realizadas aos pais e ou encarregados de educação	59
5.3- Análise e discussão dos resultados da recolha fotográfica.....	63
5.4- Síntese da discussão dos resultados e suas implicações.....	63
Capítulo VI: Desenvolvimento da prática profissional.....	65
6.1-Enquadramento temático.....	65
6.2- Apresentação e discussão das actividades desenvolvidas.....	66
6.2.1- Actividades realizadas ao longo do ano lectivo com as Famílias.....	77
6.2.2- Análise e discussão dos resultados durante as actividades.....	78
6.3- Contributos do estudo	79
Considerações Finais.....	80
Bibliografia	84
Anexos.....	87

Índice de Quadros

Quadro I - Rotina Diária.....	12
Quadro II – Constituição do grupo (Setembro 2009).....	16
Quadro III – Constituição do grupo (Janeiro 2010).....	17

Índice de Tabelas

Tabela 1- Profissão dos pais e encarregados de educação.....	21
Tabela 2- Habilitações literárias dos pais e encarregados de educação.....	22
Tabela 3- Informação sobre os assuntos do Jardim-de-Infância.....	60
Tabela 4- Participação nas iniciativas promovidas pelo Jardim-de-Infância.....	61
Tabela 5- Participação dos pais na construção das regras e do projecto curricular do Jardim-de-Infância	62

Índice de Gráficos

Gráfico n°1: Profissão dos Pais e Encarregados de Educação.....	21
Gráfico n°2: Habilitações literárias dos Pais e Encarregados de Educação.....	22

Índice de Anexos

Anexo A - Perfil de Implementação do Programa (PIP).....	88
Anexo B - Planta da sala.....	89
Anexo C - Guião de entrevistas.....	90
Anexo D - Fotografias.....	94

Siglas e Abreviaturas

Art.º - Artigo

CNE- Conselho Nacional da Educação

EES – Encarregados de Educação

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

ORG- Organizador

PC- Projecto Curricular

PIP- Perfil de Implementação do Programa

Agradecimentos

Gostava de expressar o meu profundo reconhecimento e agradecimento ao professor Luís Castanheira pela orientação deste trabalho, pela atenção, disponibilidade e colaboração dada durante todo o processo.

Uma outra referência plena de reconhecimento vai para a Instituição onde lecciono, em particular à Directora Irmã Rosalina, pelo apoio e disponibilidade para que pudesse desenvolver este trabalho, pois sem elas não seria possível fazê-lo e a todos que directa e indirectamente, me ajudaram e apoiaram nesta tarefa.

Aos pais e familiares do grupo de crianças do pré-escolar do Centro Social Monsenhor Martins que prontamente colaboraram e apoiaram, a recolha de dados e a realização das actividades ao longo do ano lectivo.

Aos professores que vêm a acompanhar-me ao longo de alguns anos, e que me proporcionaram o abrir de novos horizontes em relação à educação pré-escolar.

Aos meus irmãos, o meu obrigado, pelo apoio, encorajamento e amizade.

Quero agradecer à tia Maria da Luz, pela força, carinho, admiração e respeito pela minha profissão.

Finalmente, o meu reconhecimento e a dedicação deste trabalho aos meus Pais pelo estímulo, apoio permanente, esforço e sacrifícios de uma vida inteira.

Resumo

O trabalho que aqui se apresenta corresponde ao relatório de estágio de Prática de Ensino Supervisionada no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e resulta de uma investigação que se enquadra numa abordagem explicativa da problemática da relação Escola/Família e a sua influência no desenvolvimento e educação das Crianças.

Assim, procurou-se, através de uma abordagem de carácter predominantemente qualitativo, questionar as interações do quotidiano do Jardim de Infância com o contexto familiar das crianças, constituindo-se para o efeito os seguintes objectivos: (i) Incentivar a participação das Famílias das crianças que frequentam a Instituição (estabelecimento de ensino) no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a Comunidade; (ii) Demonstrar a importância e os benefícios da cooperação entre a Instituição (estabelecimento de ensino) e a Família das crianças no sucesso educativo destas; (iii) Conceber estratégias no sentido de envolver as Famílias/Comunidade na acção educativa.

Para a consecução dos objectivos propostos convoca-se um quadro teórico que analisa, por um lado as relações Jardins de Infância – famílias, e por outro lado, o envolvimento que se deve esperar de cada um, num contexto de uma instituição de Educação Pré-escolar num meio rural.

A análise dos dados empíricos, permite evidenciar que o Jardim de Infância deve operar, incansavelmente, diversas maneiras de despertar na família o acompanhamento no desenvolvimento das crianças, como facilitador do processo de um crescimento saudável, integrador e bem sucedido das crianças. Este trabalho, evidencia igualmente as virtudes desta cooperação, bem como apresenta propostas de consolidação deste envolvimento e cooperação e a um “abrir portas” de ambos os lados.

Palavras – chave: Educação Pré-Escolar; Relação Escola-Família; Envolvimento Parental; Crianças.

Abstract

This is the probation report of Supervised Teaching Practice in Master of Pre-school Education and it is the result of a research work that is part of an explanatory approach to the problematic of the relationship between School and Family and its influence on the children's development and education.

Thus, through a predominantly qualitative approach, questioning the everyday interactions of the Kindergarten with the children's family background, the following objectives were established: (i) to encourage the participation of the families of the children attending the institution (the kindergarten) in the educational process as well as to establish effective cooperation relationships with the Community, (ii) to demonstrate the importance and benefits of the cooperation between the institution (the kindergarten) and the family in the educational success of their children (iii) to devise strategies to involve families and the community in the educational activity.

To achieve these stated objectives we adopted a theoretical framework that analyzes on the one hand the relationship between the Kindergarten and the families, and on the other hand the involvement that is expected from each part, in the context of a pre-school, in a rural setting.

The analysis of the empirical data shows that the kindergarten must work tirelessly in various ways to raise the family's awareness about children's development, acting also as a facilitator of the process to raise healthy, integrated and successful children. This work also highlights the virtues of this cooperation and presents proposals to consolidate this cooperation and involvement as well as to "open doors" on both sides.

Key - words: Preschool Education, School-Family Relationship, Parental Involvement, Children.

Prática de Ensino Supervisionado em Educação Pré- Escolar

Ana Rita Clemente Fernandes

**Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação
para a Obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar**

Orientado por:

Mestre Manuel Luís Pinto Castanheira

Bragança

2010